

GUSTAVO GOULART BRAGA MAÇANEIRO

**DO JUDÔ AO GRACIE JIU-JITSU: A INFLUÊNCIA DO JUDÔ KODOKAN NA
IDEALIZAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DO JIU-JITSU BRASILEIRO**

Monografia de Graduação

Florianópolis

2012

GUSTAVO GOULART BRAGA MAÇANEIRO

**DO JUDÔ AO GRACIE JIU-JITSU: A INFLUÊNCIA DO JUDÔ KODOKAN NA
IDEALIZAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DO JIU-JITSU BRASILEIRO**

**Monografia apresentada à
disciplina de Trabalho de
Conclusão de Curso II como
requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em
Educação Física.**

**Orientadora: Prof. Dra. Saray
Giovana dos Santos**

Florianópolis

2012

TERMO DE APROVAÇÃO

GUSTAVO GOULART BRAGA MAÇANEIRO

DO JUDÔ AO GRACIE JIU-JITSU: A INFLUÊNCIA DO JUDÔ KODOKAN NA IDEALIZAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DO JIU-JITSU BRASILEIRO

Aprovada por todos os membros da banca examinadora, foi aceita pelo Curso de Graduação em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de: BACHAREL EM EDUCAÇÃO FÍSICA.

Florianópolis, Julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Saray Giovana dos Santos (Orientadora)

Prof. Ms. Daniele Detanico (Membro)

Prof. Márcio Rogério Delfes Branco (Membro)

Prof. Ms. Tatiane Piucco (Suplente)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Ana, pelo apoio, compreensão, ajuda, por todo carinho ao longo deste percurso e, em especial, por incentivar e acreditar em todos os meus sonhos.

Ao meu pai, Ailton, pelo incentivo, apoio e estímulo.

Às minhas irmãs, Bárbara e Gabriela, pelo carinho e afeição em todos os momentos.

À minha família, em especial, à tia Marta pela convivência e amparo do dia-a-dia.

À Ianah, pelo carinho, compreensão e pela grande ajuda ao longo do desenvolvimento desse trabalho.

Aos colegas de classe, por todos os momentos compartilhados, em especial aos amigos Filipe, Rafael Pires e Rafael Rosa.

Aos amigos Bruno, Luiz, Eduardo, Neto, Gustavinho, Guguinta, Guilherme e Vitor pela amizade sincera, autenticidade, e convivência destes 17 anos, que serão infindáveis.

Não poderia deixar de agradecer aos companheiros de Jiu-jitsu, principalmente, ao Leco e ao Mário por me acompanharem desde o início da minha caminhada, e me servirem de exemplo e inspiração. Em especial, ao sensei Márcio Branco pelo companheirismo, e pelos ensinamentos.

Por fim, à minha orientadora, Saray Giovana dos Santos pela paciência, dedicação e apoio, e por ser uma excelente professora e profissional, na qual procuro me espelhar.

SUMÁRIO

RESUMO	v
CAPÍTULO 1	06
INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO 2	10
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	10
2.1 ORIGEM DO JIU-JITSU JAPONÊS.....	10
2.2 A PARTICIPAÇÃO DO JUDÔ NO JIU-JITSU BRASILEIRO	17
2.2.1 O DECLÍNIO DO JUJUTSU E A IDEALIZAÇÃO DO JUDÔ	17
2.2.2 ORIGEM DO JIU-JITSU BRASILEIRO.....	24
2.3 AS DIFERENÇAS DO JUDÔ NA ÉPOCA EM QUE MAEDA SAIU DO JAPÃO COM O JUDÔ ATUAL	34
2.4 AS DIFERENÇAS ENTRE O JIU-JITSU BRASILEIRO E O JUDÔ ATUALMENTE	40
2.5 OS FATORES TÉCNICOS E CARACTERÍSTICAS QUE INFLUENCIARAM NO DESENVOLVIMENTO DO JIU-JITSU BRASILEIRO	44
2.6 AS NOVAS ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS NO TREINAMENTO DO JIU- JITSU BRASILEIRO	49
CAPÍTULO 3	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
5. ANEXOS	66

RESUMO

Título: Do Judô ao Gracie Jiu-jitsu: a influência do Judô Kodokan na idealização e no desenvolvimento do Jiu-jitsu Brasileiro.

Autor: Gustavo Goulart Braga Maçaneiro

Orientadora: Prof. Dra. Saray Giovana dos Santos

Neste trabalho de revisão bibliográfica, procurou-se discutir as informações referentes às raízes e à idealização do Jiu-jitsu Brasileiro. Buscou-se dirimir as discordâncias existentes nos trabalhos relacionados a este tema, e discutir a origem da modalidade. A importância deste trabalho se destaca pela suspeita de que uma versão acima das outras possui maior propagação em nosso país. Com isso, é proposto neste estudo, a identificação da origem do Jiu-jitsu, a influência do Ju-Jutsu Japonês na idealização do Judô e as semelhanças entre o Judô e o Jiu-jitsu Brasileiro que os diferem da modalidade japonesa. Para tal busca-se a compreensão não somente dos fatos referentes à idealização do Jiu-jitsu Brasileiro, como também da influência do Judô criado por Jigoro Kano nesse processo. Foi feita uma revisão histórica das três artes marciais, bem como a identificação de suas características, divergentes e semelhantes entre si. A partir desta análise foi possível avaliar como alguns atributos desenvolvidos no Kodokan auxiliaram na idealização e desenvolvimento da arte marcial brasileira, ainda que não sejam observados os princípios e pressupostos filosóficos propostos por Kano. Além disso, foi possível discutir o efeito da esportivização sofrida pelo Judô após a Segunda Guerra Mundial, e como esse fato determinou algumas das diferenças que essa modalidade possui hoje quando comparada ao Jiu-jitsu Gracie. Finalizando, compreenderemos por este estudo as raízes das três artes marciais, e as diferenças em sua composição técnica, estratégica e filosófica.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Data da defesa: 03 de Julho de 2012.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Em 1993 foi realizado nos Estados Unidos o primeiro evento UFC (Ultimate Fighting Championship). A proposta do evento era reunir em uma mesma competição, representantes das mais diversas modalidades marciais para avaliar, em confrontos diretos, a eficácia de uma frente a outra.

Entre todas as modalidades de luta representadas na primeira edição do evento, nenhuma teve mais impacto que o Jiu-Jitsu Brasileiro. Devido às vitórias de seu representante, Royce Gracie, o Jiu-Jitsu deixou a obscuridade para atingir reconhecimento internacional em um curto periodo de tempo. Segundo Gracie (2001), os maiores eventos de MMA na America do Norte foram dominados por praticantes de Brazilian Jiu-jitsu. O que surpreendeu à maior parte dos espectadores foi o fato de que os lutadores de Jiu-jitsu eram em sua maioria consideravelmente menores que seus adversários. Além disso, ao invés de recorrer a socos e chutes, esses lutadores rapidamente levavam seus oponentes ao chão e os forçava a desistir com estrangulamentos e chaves articulares. Dessa forma, as vitórias eram obtidas sem derramamento de sangue. Nos poucos casos em que eram derrubados por seus adversários, utilizavam técnicas no chão para reverter a situação, ou venciam as lutas mesmo por debaixo de seus oponentes.

Nos anos que se sucederam ao primeiro UFC, o Jiu-jitsu Brasileiro continuou crescendo, as vitórias de Royce nos Estados Unidos e de Rickson no Japão, reafirmavam a eficiência da luta, além disso mantiveram e aumentaram o interesse pelo esporte em todo o mundo. Com isso, com o passar do tempo aumentou a emigração dos professores que residiam no Brasil em direção principalmente aos Estados Unidos. A internacionalização da modalidade continuou até que em 2007 pela primeira vez o Campeonato Mundial de Jiu-jitsu deixou de ser realizado no Rio de Janeiro, para ser realizado em Long Beach na California - onde é realizado desde então (VIDAL, 2008).

O Jiu-Jitsu continua crescendo e, a cada dia, crescem os números de federações, confederações, competições e praticantes. Outro fator que também se altera com o tempo é a quantidade de recursos técnicos que se amplia cada vez mais e promove discussões entre os praticantes e atletas da modalidade – como foi o caso da chamada guarda 50/50 recentemente. Por esse acelerado processo de crescimento e disseminação, é importante que se conheça os fatos, princípios e origem da modalidade, para que se preserve sua identidade e sua essência.

Segundo o site da Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu, o Jiu-Jitsu nasceu na Índia e era praticado por monges budistas. Esses monges desenvolveram uma técnica baseada nos princípios de equilíbrio, sistema de articulação do corpo e alavancas. Com a expansão do budismo, o Jiu-Jitsu percorreu o Sudeste asiático, a China até chegar ao Japão.

Entretanto, outros autores indicam que o Jiu-jitsu possui origem embrionária no Japão, e sua primeira citação data do ano de 720 da era cristã. Além disso, há concordância entre os autores quanto ao fato de que foi no Japão que essa arte foi idealizada, e que a cultura japonesa foi responsável por fornecer as características próprias dessa arte marcial (MOL, 1970 ; DRAEGER 1974). Outro ponto que é importante destacar é que de acordo com alguns autores, o *Jujutsu* japonês não se trata especificamente de uma arte marcial de combate desarmado mas que, englobava tanto o combate sem armas, como o combate com armas menores tais como: *Tenouchi*, *Suntetsu*, *Ryofundokusari*, *Tekken* (MOL, 1970).

Ainda segundo a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu, alguns mestres de Jiu-jitsu migraram do Japão para outros continentes, e entre eles estava Esai Maeda Koma. Conhecido também como Conde Koma, esse lutador chega ao Brasil em 1915, depois de viajar com uma trupe lutando em vários países da Europa e das Américas. Maeda se fixa em Belém do Pará, onde conhece Gastão Gracie, que tornou-se um entusiasta do Jiu-jitsu e levou seu filho, Carlos, para aprender a luta.

Virgílio (2002) por outro lado, afirma que Mitsuyo Maeda foi aluno no Kodokan e, portanto, era praticante de Judô. O autor ressalta que Maeda, juntamente com Antônio Soihshiro Satake, foi responsável pela implantação do Judô no Brasil e em outros países. Virgílio alega que, não constam na literatura brasileira, obras referenciando Maeda e que, por toda sua contribuição à implantação do Judô no mundo, é necessário que se promovam estudos sobre sua vida.

Gracie (2001) aponta que, alguns processos evolutivos na proposta de ensino do Judô, implementadas por Jigoro Kano, influenciam a forma como foi estabelecida a prática do Jiu-jitsu no Brasil. Segundo Draeger (1974), os antigos mestres do Jiu-jitsu viam o ensino de uma forma tradicional e ritualizada. Com a idealização do Judô Kodokan por Jigoro Kano, essa prática passa a ter como base um sistema racional de ensino, promovendo e estudando as formas de passar o conhecimento para o praticante. Além disso, desenvolveu-se uma forma de treinamento que permitia o combate mais próximo de uma situação real, em que o adversário pudesse resistir aos movimentos de combate. Essa prática, chamada *Randori*, permitiu ao Judô se desenvolver como um esporte. A partir de então, surge o Jiu-jitsu Brasileiro, que viria a desenvolver seus próprios princípios, métodos de ensino, e de treinamento (GRACIE, 2008). Dessa forma, busca-se nesse trabalho além da análise dos fatos que possibilitaram a origem do Jiu-jitsu Brasileiro, estudar as características fundamentais, e diferenças entre os princípios de ensino e treinamento como um processo evolutivo nas três modalidades.

Visto que a história do Jiu-jitsu aparenta possuir conflitos. Evidencia-se a necessidade de um trabalho que busque dirimir tais discordâncias buscando estabelecer fatos fidedignos relacionados à idealização da modalidade. A importância desse trabalho se destaca pela suspeita de que uma versão acima das outras possui maior propagação em nosso país. Gurgel (2003) afirma que sempre escutou a mesma história quanto à origem do Jiu-jitsu, e que tal versão é a conhecida por muitos dos praticantes da modalidade. No mesmo texto, o autor reforça a versão da Confederação Brasileira de Jiu-jitsu.

Com o intuito de esclarecer esse assunto buscaremos investigar as seguintes questões: Qual a origem do Jiu-jitsu? Qual a influência do Jiu-Jitsu Japonês na idealização do Judô? Existem semelhanças entre o Judô e o Jiu-jitsu Brasileiro que os diferem do Jiu-jitsu japonês? Existem diferenças entre o Judô ensinado por Maeda a Carlos Gracie e o Judô atual? Quais estratégias do Judô foram incorporados ao Jiu-jitsu Brasileiro?

Na busca de respostas para as questões supra-citadas, o presente estudo tem como objetivo geral sistematizar fatos históricos referentes à origem do Jiu-jitsu Brasileiro e à influência do Judô nesse processo. Mais especificamente, o estudo pretende investigar a origem e o desenvolvimento do Jiu-jitsu Japonês; verificar a influência do Judô no desenvolvimento do Jiu-jitsu Brasileiro; contextualizar as diferenças do Judô na época em que Maeda saiu do Japão com o Judô atual; apontar as diferenças entre o Jiu-jitsu Brasileiro e o Judô atualmente; investigar os fatores técnicos e características que influenciaram no desenvolvimento do Jiu-jitsu Brasileiro, e por fim, identificar as novas estratégias desenvolvidas no treinamento técnico do Jiu-jitsu Brasileiro.

A proposta do estudo se justifica pela convivência no dia-a-dia com praticantes da modalidade e a indícios de pouco conhecimento dos mesmos sobre os fatores históricos que lhe deram origem. Além disso, a constatação das controvérsias referentes à origem histórica do Jiu-jitsu Brasileiro justifica um aprofundamento na temática. Dessa forma, contribuindo para o desenvolvimento da modalidade, posto que é necessário ao praticante conhecer os aspectos históricos contribuintes para a formação e o desenvolvimento daquilo que pratica. Além disso, deve-se ressaltar a contribuição para todos os praticantes e professores, visto que são poucos os estudos sobre o assunto, bem como é escassa a literatura disponível.

Este trabalho qualitativo do tipo bibliográfico foi realizado por meio de uma busca na literatura em livros clássicos, artigos em revistas indexadas e *sites*, em um período temporal de 12 meses (Junho 2011 a Junho 2012).

CAPÍTULO 2

RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 ORIGEM DO JIU-JITSU JAPONÊS

Compreender a formação do Jiu-jitsu Brasileiro ainda que pareça tarefa fácil não o é. Ocorre que, muitos manuais foram idealizados com ênfase na compreensão técnica, voltando suas atenções diretamente à prática da modalidade. Enquanto isso o processo referente ao desenvolvimento dessa arte, desde seu embrião e de forma detalhada, foi feito por somente poucos, e, muitas vezes de forma fragmentada, focando um determinado espaço temporal, ou em apenas um determinado personagem dessa história. Sendo assim, esse trabalho se inicia buscando compreender o princípio desse processo, procurando atender ao primeiro objetivo específico, voltando o foco para a origem e o desenvolvimento do Jiu-Jitsu.

Para compreender a idealização do Jiu-jitsu Brasileiro, primeiramente se faz necessário analisar o significado da palavra Jiu-Jitsu por si só, bem como à formação do Jiu-jitsu japonês a quem comumente se atribui as raízes da arte marcial brasileira.

O termo “*jujutsu*” comumente se refere ao estilo japonês, enquanto “Jiu-Jitsu” à arte marcial desenvolvida pela família Gracie, entretanto Takao (2010) afirma que isso não é correto. Na transcrição dos ideogramas japoneses para a escrita em caracteres romanos, adota-se o sistema Hepburn que representa os sons do idioma japonês utilizando o alfabeto latino. Esse processo de ocidentalização da escrita japonesa pode por vezes criar uma confusão linguística sem reproduzir com fidelidade a fonética japonesa. Desta forma podem-se compreender as dificuldades e diferenças entre a transcrição idiomática da terminologia *Jiu-Jitsu*, que dependendo do país e cultura pode variar de forma, tais como: *Ju Jutsu*, *Ju Jitsu*, ou *Jiu-Jitsu*, Apesar destes desacordos, todas essas terminologias representam um mesmo significado.

Jiu-Jitsu é escrito com dois ideogramas, a pronúncia correta para o primeiro sendo entre “*ju*” e “*dju*” (柔), o segundo entre “*djutsu*” e “*djitsu*” (術). Quando transcrito em letras romanas, o japonês usa a grafia “*Ju Jutsu*”. A pronúncia correta seria, então, algo próximo de: “*Djiuu Jitss*” (TAKAO, 2010). Portanto, o mais correto é pronunciar e escrever o JU e JUTSU, pois o caractere japonês *Ju* de *Judô* é o mesmo do “*Ju*” *Jitsu*. E por mais que a pronúncia japonesa correta para o termo *Judô* seja “*Jiudo*”, seria incorreta a escrita e a pronúncia JIU DO pelo sistema adotado (BORGES, 2011; TAKAO, 2010). Mesmo que, como apontado a palavra seja a mesma mudando somente sua romanização, para que não haja confusão na compreensão do texto neste trabalho utilizaremos a palavra “*Jujutsu*” para denominar o estilo japonês e “*Jiu-jitsu Brasileiro*” para o método da família Gracie.

O termo *Jiu-jitsu*, portanto, é formado por 2 ideogramas japoneses. Os ideogramas (chamados *kanji*) são caracteres que contem em si uma idéia e geralmente podem ser lidos de duas maneiras; a Chinesa (*on*) e a Japonesa (*kun*) (BORGES, 2011). O primeiro, “*JU*” tem vários significados e interpretações, podendo ser: flexível, suave, maleável, brando ou gentil. O segundo, “*Jutsu*” significa técnica, arte ou habilidade. Dessa forma, *Ju-Jutsu*, ou *Jiu-jitsu* pode ser lido como técnica gentil, ou arte suave, e assim por diante. Sua pronúncia varia conforme a combinação com outro ideograma que o completa e de como é usado em uma frase (RATTI. WESTBROOK, 1999); (BORGES, 2011).

O termo *Jujutsu*, provavelmente somente foi usado a partir de 1630, por Sekigushi Ujimune Jushin a partir do termo “*yawara*”. Duas teorias parecem dar suporte quanto ao surgimento dessa nomenclatura.

A primeira afirma que, Jushin, fundador da escola *Sekigushi Ryu*, apesar de ter estudado uma variedade de artes marciais era iletrado e, por esse motivo não conseguia encontrar um nome que correspondesse a seu próprio estilo. Seu empregador à época ordenou então que alguns estudiosos versados nos clássicos chineses desenvolvessem este nome. Eles começaram com o ideograma “*Ju*”, cuja leitura em japonês sendo *yawaraka*. O final “*Ka*” foi

deixado de lado permanecendo somente *yawara*. Essa teoria tendo sido registrada no documento *Jushin Sensei Den* (MOL, 1970).

A outra, registrada no *Kosho Bugeisha Retsu Den* por Watatani Kiyoshi, contesta a primeira descrevendo outro possível acontecimento. Segundo ele, os termos *yawara* e *yawaragi*, ainda que escritos em diferentes caracteres já eram utilizados em outros sistemas marciais. Ambos os termos eram derivados dos verbos *yawaragu* (suavizar) ou *yawarageru* (tornar suave). Assim, Watatani acredita que o termo *yawara* utilizado por Jushin provavelmente se deriva desses verbos (MOL, 1970).

Independentemente do motivo que levou Sekigushi Ujimune Jushin a utilizar o termo “*yawara*”, quando este é combinado com “*jutsu*” é transcrito como *yawara-jutsu*, que também pode ser lido por *Jujutsu* (MOL, 1970).

Dessa forma, esse termo foi desenvolvido como um meio de apontar um único princípio geral em aplicar as técnicas marciais (RATTI; WESTBROOK, 1999). Entretanto, ainda que muitas escolas de *Jujutsu* do período Edo aderissem à ideia de que o suave controla o duro, haviam algumas que não. Existiam estilos que, diferentemente do que apoia essa ideia, ainda eram muito próximos dos sistemas utilizados nos campos de batalha e, conseqüentemente dependiam em sua maior parte de força bruta e incluíam o uso de armas. Somente ao final desse período em uma época de relativa paz, algumas escolas de *Jujutsu* diminuíram seu foco nessas situações de combate primando, então, por técnicas aplicáveis em situações de épocas de paz que, em muitos casos, limitam-se somente em defender-se do agressor (MOL, 1970).

A arte do *Jujutsu* apareceu durante o século 17 e é mencionada em livros japoneses que tratam sobre artes marciais tais como: *Bugei Shogen* e o *Kempo Hisho*. O fundador do judô, Jigoro Kano, atesta que a o nascimento do *Jujutsu* se deu entre os anos 1600 e 1650 (RATTI; WESTBROOK, 1999).

Como um termo coletivo aplicado a todas essas formas de combate no Japão, o *Jujutsu*, entretanto, tem sua origem anterior à quando essas escolas foram originadas (DRAEGER, 1997).

A antiga crônica do Japão, *Nihon Shoki*, escrita por ordem imperial no ano de 720 depois de Cristo menciona a existência de golpes desarmados utilizados em combates corporais, esse registro narra uma lenda na qual um dos competidores, agarrando o adversário pela mão, o arremessa ao solo com grande facilidade e sem o uso de força. Entretanto, alguns historiadores japoneses, atestam que o mais antigo relato de um duelo sem armas, ocorreu em 230 a. c., na presença do imperador Suinin. Taimano Kehaya, um lutador arrogante e insolente foi rapidamente nocauteado por um terrível cultor do combate sem armas, Nomino Sukune (CALLEJA, 1989).

Essa não é apenas uma das primeiras fontes japonesas escritas que mencionam o combate desarmado, como provavelmente é uma das primeiras a ilustrar o uso de *atemi*, ou golpes de percussão. Ainda que haja uma longa distância entre esse combate e a criação do que é considerada como a primeira escola de *Jujutsu*, ou *Jujutsu Ryuha*, na primeira metade do século 16, é justo dizer que técnicas com as características que futuramente seriam associadas ao *Jujutsu* já estavam em uso muito antes desse termo ser inventado. Alguns sistemas já em uso no Japão, proveram os ingredientes para o que seria chamado posteriormente de *Jujutsu*. O nome, por si só, veio ao uso comum somente a partir do século XVII (MOL, 1970).

Uma lenda japonesa conta que um homem chamado Chen Yuan Ping levou as técnicas do *Jujutsu* da China para o Japão, vindo a ensinar tais técnicas a três *Ronins*. Outras escolas contam que um médico de nome Akiyama Shirobei foi para a China e aprendeu algo chamado *Hakuda*, e quando retornou ao Japão criou o *Jujutsu*. Há ainda tradições que atestam que o *Jujutsu* começou na era dos deuses e é uma invenção de origem Japonesa (KANO, 2005).

Entretanto, as duas primeiras histórias são questionáveis. Com relação a primeira, Chen Yuan Ping, foi ao Japão em 1659, e morreu em 1671. Dessa

forma, se esse indivíduo trouxe técnicas marciais a esse país, o fez provavelmente nas formas de *Kenpo* e *Hakuda*, artes marciais praticadas àquela época na China. As técnicas dessas modalidades se diferiam das formas nativas de *Jujutsu* praticadas no Japão e segundo Kano (2005), alguns textos demonstram que Chen Yuan Ping trouxe apenas o *Kenpo*.

Já a teoria de que Akiyama Shirobei foi o idealizador do *Jujutsu* é defendida apenas pela escola *Yoshin-Ryu* e, portanto, é usada apenas pelos praticantes desse método em particular. (KANO, 2005)

Assim, não é possível determinar o ano ou mês que o *Jujutsu* se iniciou, apenas sabemos que ele evoluiu desde os tempos antigos, através de muitas gerações. (KANO, 2005) Ao contrário do que alguns autores gostariam que acreditássemos o *Jujutsu* não é a invenção de um único gênio das artes marciais. O *Jujutsu* é o produto de um longo desenvolvimento que se deu no Japão em um ambiente constantemente mutável, e à contribuição de muitos e extraordinários artistas marciais ao longo do tempo (MOL, 1970).

No Japão feudal, os sistemas de combate eram organizados e classificados por seus métodos como por exemplo: *Kyujutsu* (técnica com arco e flecha), *Kenjutsu* (técnica com a espada), *Bojutsu* (arte com o bastão). Esses sistemas eram algumas vezes conhecidos como *Kakuto Bugei*. Esses métodos eram fundados e mantidos por grupos organizacionais tradicionais familiares denominados *Ryu*. Posteriormente por estruturas não consanguíneas chamadas *ryu-ha*. Podemos descrever, portanto, *ryu* ou *ryu-ha* como uma maneira distinta em que um grupo desenvolve um estilo classificado dentro de um sistema de *Bugei*. Dessa forma, cada *ryu* ou *ryu-ha* poderia ter diversas escolas e, poderiam gerar sub-estilos de forma que mais de sete mil diferentes *ryu* e *ryu-ha* foram catalogados no Japão (DRAGER, 1997).

Fazem parte do *Bugei* as formas que contem o sufixo *Jutsu*, para propósitos de identificação. O *Bugei* inclui artes marciais desenvolvidas para prover o guerreiro de habilidades técnicas e um padrão mental que o possibilitasse defender ou promover a causa de um superior com quem havia jurado aliança. Além disso, esses sistemas demandam treinamento direcionado

por linhas tradicionais, com o objetivo de produzir o desenvolvimento ótimo em habilidades de combate. Exemplos de sistemas de *Bugei* são: *Kenjutsu*, *laijutsu*, *Kyujutsu*, *Jujutsu* (DRAEGER, 1997).

É importante compreender que o *Jujutsu* foi sempre um sistema secundário de *Bugei*, um método de combate complementar às técnicas utilizadas pelos espadachins dos diferentes *Ryus*. As escolas de *Kenjutsu* desenvolveram técnicas de combate desarmado muito antes que esses métodos passassem a ser conhecidos popularmente como *Jujutsu* (DRAEGER, 1997).

Na época de Tokugawa, entre 1603 e 1867, existiam numerosas escolas de *Jujutsu* no Japão. Cada uma dessas instituições adotava métodos diferentes entre si. Muito embora as várias escolas fossem adeptas do termo *Jujutsu*, essas escolas se desenvolveram de maneiras distintas umas das outras. Enquanto em um estilo a intenção principal era derrubar e matar o oponente, em outro poderia ser capturá-lo como refém. Umas eram mais especializadas em técnicas de luxações, enquanto outras em técnicas de lançamentos, ou golpes de percussão, não havendo portanto um padrão do que seria tido como *Jujutsu*. Dentre as mais famosas escolas podemos citar: *Yoshin Ryu*, *Takenouchi Ryu*, *Sekigushi Ryu*, *Kyushin Ryu*, *Kito Ryu*, *Tenshin Shinyo Ryu* (CALLEJA 1989; KANO, 2005).

Dessa forma, deve-se compreender que o *Jujutsu* é resultado de um longo processo que ocorreu no Japão, através do desenvolvimento de sistemas de combate nos campos de batalha e nos períodos de paz. Tal termo era, assim, usado para se referir genericamente à qualquer escola (*Ryu*) de luta, no Japão feudal, que desenvolvesse técnicas que não empregassem armas, ou apenas armas curtas e pequenas. Além disso, tais escolas possuíam como linha guia um mesmo princípio ideológico e formador (TAKAO, 2010).

Observando o exposto nesse capítulo, podemos observar que a teoria de alguns que atribuem a origem do Jiu-jitsu, ou *Jujutsu*, à Índia não parece adequada. Isso porque vemos que a maior parte dos autores afirma que o *Jujutsu* é produto originário do Japão. Como foi colocado anteriormente,

existiam vários estilos diferentes de *Jujutsu* visto que o termo era utilizado para denominar escolas diversas de combate no Japão que atendiam por um método semelhante. Assim, cada estilo foi idealizado de uma forma distinta e, por uma pessoa diferente, ou seja, ainda que haja um estilo que possua em sua origem alguma ligação à algum país específico, a maior parte dos autores confirma que o *Jujutsu* é uma arte marcial nascida no Japão. Visto que, tanto o termo, como os idealizadores eram japoneses, além do fato de que várias das técnicas já estavam em desenvolvimento no Japão antes mesmo do termo, não há indícios para apontar outro lugar para o surgimento do *Jujutsu* além do Japão.

Outro fato que deve-se chamar atenção é a confusão que surge quanto ao termo Jiu-jitsu. Como foi falado anteriormente, pelo fato de o termo ter vindo do Japão e, não haver correspondência direta em caracteres romanos aos *Kanjis* japoneses, quando a modalidade começa a ser ensinada no ocidente ainda não havia concordância quanto à sua escrita em caracteres romanos. Ainda que atualmente grande parte dos autores concorde com o formato *Jujutsu*, não parece haver necessidade de alterar a forma como é escrita na modalidade brasileira (Jiu-jitsu), mesmo porque assim é atualmente conhecida em todo o mundo.

2.2 A PARTICIPAÇÃO DO JUDÔ NO JIU-JITSU BRASILEIRO

Para alcançar o segundo objetivo específico desse trabalho, ou seja, a participação do *Judô* no processo de desenvolvimento do Jiu Jitsu brasileiro; é preciso que primeiramente se compreenda como o primeiro foi idealizado, buscando abranger a conexão entre o *Judô* e o *Jujutsu*, para posteriormente acordar a origem do Jiu-jitsu Brasileiro propriamente dito.

2.2.1 O DECLÍNIO DO JUJUTSU E A IDEALIZAÇÃO DO JUDÔ

Em 1868 o Japão começa um processo de mudanças chamado Restauração Meiji. Essa reelaboração do formato político e da estrutura social do país tem início com a restituição do poder ao imperador após muitos anos de Xogunato Tokugawa. Ainda que, simbolicamente o poder residisse nas mãos do imperador, anteriormente o Japão era de fato governado pelos Xoguns e, nos últimos 264 anos, estava nas mãos do clã Tokugawa (SAKURAI, 2007).

A restauração Meiji, basicamente, se pautava na reestruturação do país sobre um ponto de vista de modernização. Reformas internas cujo objetivo principal era adaptar o país às exigências do mundo na época. Dessa forma, esse processo buscava colocar o Japão em condições de igualdade com os outros países no mercado mundial, e para isso, a nova elite no poder acreditou que a melhor forma de atingir esse objetivo seria ocidentalizar o Japão e sua economia. Outra questão que pode-se destacar é que, durante o período Tokugawa o Japão havia se fechado ao contato com o exterior, o que se encerrou com o processo de modernização inserindo o Japão novamente no cenário mundial (SAKURAI, 2007).

Visando a reestruturação social do país, o governo começa a criar decretos que passam a modificar a estrutura social rígida vigente até então. Os samurais como casta social não existia mais e, foram obrigados a suprimir todos os sinais externos de seu antigo status, como por exemplo, o corte de cabelo que utilizavam e sendo proibidos de empunhar suas espadas a partir de 1876 (SAKURAI, 2007).

Com o fim da casta dos samurais, esses guerreiros que até então viviam da renda de seus domínios ou do salário de seu senhor, tem que se adaptar às novas exigências da sociedade moderna japonesa. Vários samurais se revoltaram, entretanto, não conseguiram competir com as armas modernas e o treinamento ocidental (SAKURAI, 2007; DRAEGER, 1997)

Durante o Xogunato Tokugawa, os instrutores de artes marciais eram empregados por um senhor feudal. Após o início do processo de modernização e ocidentalização do Japão, o governo parou de apoiar as escolas de artes marciais de maneira que a maior parte dessas academias teve que fechar. Além disso, o processo de ocidentalização diminuiu o interesse da sociedade japonesa pela prática marcial clássica, acreditavam que os tempos haviam mudado, e que não havia mais necessidade desse tipo de treinamento. Dentre essas escolas estavam as dos mestres de *Jujutsu* (STEVENS, 2007).

Esses mestres já não possuíam mais o status e reconhecimento de outrora e, assim, tiveram que encontrar formas de sobreviver às modificações que a sociedade japonesa havia sofrido. Muitos ficaram desempregados, alguns passaram a atender como “alinhadores de ossos”, semelhante aos quiropratas atuais (devido ao alto grau de conhecimento em anatomia humana que possuíam). Com o declínio do *Jujutsu*, o prestígio dos mestres diminuiu e, da mesma maneira diminuiu o número de discípulos. Ocorreu que, muitos desses praticantes de *Jujutsu* desempregados começaram a participar de eventos informais de luta, com taxas de admissão e apostas, que lhes rendiam algum dinheiro, entretanto diminuía ainda mais o valor da prática dessa arte marcial aos olhos da nova sociedade japonesa (DRAEGER, 1997).

É nesse cenário político e econômico de mudanças radicais que nasce Jigoro Kano no dia 28 de outubro de 1860, em Mikage. Kano nasceu em uma família abastada. Pelo lado de seu pai, sua linhagem familiar era antiga e remetia a sacerdotes xintoístas, monges budistas e intelectuais confucionistas. Por sua mãe, de um clã de produtores de saquê.

Após a morte de sua mãe, Sadako, em 1869, seu pai Mareshiba (que se tornara empresário e funcionário do governo) decide se mudar com a família

para a capital, Tóquio. Em 1873, Jigoro Kano entra na escola *Ikuei Gijuku*, onde todos os cursos eram ministrados em inglês ou alemão por professores estrangeiros. No dormitório, ele começa a sofrer com os alunos mais velhos, passava a sofrer duros trotes e se sentia indefeso às ações dos outros alunos. Esse é o primeiro momento em que ouviu falar de *Jujutsu* (STEVENS, 2007)

Segundo as palavras de Jigoro Kano (WATSON, 2011, p. 36):

“[...] em Ikuei Gijuku, estava no mesmo nível de inglês que meus colegas. Entre estes, haviam muitos que eram fisicamente frágeis e, por conseguinte, quase sempre ficavam sob o domínio dos meninos maiores e mais fortes. O mais fraco era forçado a ser servil para com o mais forte. Uma vez que eu era um dos mais fracos, tinha de levar recados a mando dos mais fortes. Mesmo na minha idade atual, ainda sou fisicamente tão robusto quanto qualquer um. Naquela época, entretanto, embora não fosse doente, eu era muito franzino. Nas atividades escolares em geral eu me equiparava aos meus colegas, mesmo assim eu era muitas vezes tratado com descaso de desprezo. Desde criança, minha curiosidade foi despertada quando ouvi falara pela primeira vez em jujutsu, um método de luta em que, com pouca força, pode-se superar um adversário fisicamente mais forte. Por isso passei a considerar seriamente a possibilidade de me iniciar no aprendizado e na prática dessa arte.”

Primeiramente, Kano conversou com um ex-soldado chamado Nakai que frequentava sua casa para que lhe ensinasse *Jujutsu*, ao que este lhe respondeu que não era necessário saber *Jujutsu* naquela época. Após outras tentativas de encontrar algum mestre que lhe ensinasse a arte ele continuou a receber recusas e, por isso, continuou a sofrer na mão dos valentões (WATSON, 2011).

Em 1874, Jigoro Kano entrou para a Escola de Línguas Estrangeira de Tóquio. E, depois de se graduar na escola de línguas entrou para a Academia *Kaisei* que, posteriormente daria origem à Universidade de Tóquio. Durante essa época de sua vida, se viu mais uma vez confrontado por alunos mais velhos e ficou ainda mais determinado em encontrar um professor de *Jujutsu*, o que aconteceu em 1877 (STEVENS, 2007).

Ele começa a procurar em clínicas de osteopatia (alinhamento de ossos) pois ouvira dizer que muitos osteopatas haviam sido anteriormente mestres de

Jujutsu. Entretanto, sua busca não foi simples, Kano descobriu que muitos não possuíam conhecimentos de *Jujutsu*, outros lhe diziam que haviam desistido de praticar havia muitos anos. É quando encontra a clínica de osteopatia de Teinosuke Yagi. Ele lhe informa que obteve sua licença para ensinar de um mestre chamado Mataemon Iso, e aconselhou Jigoro Kano a procurar um colega seu chamado Hachinosuke Fukuda (WATSON, 2011).

Fukuda era praticante do estilo *Tenjin Shinyo Ryu*, escola estabelecida por Mataemon Iso, um estilo relativamente novo de *Jujutsu*. Fukuda, à época com 50 anos, se sustentava com seus serviços de osteopata e, possuía um *Dojo* pequeno, com poucos alunos regulares. Ainda assim, Jigoro Kano iniciou seu treinamento entusiasmadamente e, quando não haviam parceiros de treino, praticava as técnicas sozinho executando os movimentos com um bastão pesado de ferro que o mestre havia lhe dado (STEVENS, 2007).

A cada sessão de treinamento Kano via seu interesse aumentar pelo *Jujutsu*. Fukuda realizava treinamentos vigorosos com seus poucos discípulos, e seu mais devotado estudante era Kano. A especialidade do estilo *Tenjin Shin'yo Ryu* era *Ate-waza*, ou técnicas de golpear, e *Katame-waza*, ou técnicas de apresamento.

Com a morte de Fukuda Jigoro Kano passou a ter a orientação do mestre Iso Masatomo, filho do fundador do estilo que já praticava. Mas a morte de Iso o forçou a continuar seus estudos em outro lugar. Em 1881 começou a praticar *Kito Ryu* com likubo Tsunetoshi. Os ensinamentos de likubo eram chamados *ran*, que implicava a liberdade de ação e eram diferentes dos métodos de outros estilos, além disso, a escola *Kito Ryu* enfatizava as técnicas de *Nage-waza* ou técnicas de arremesso.

O treinamento em dois estilos diferentes fez com que aumentasse a vontade de Jigoro Kano em conhecer os antigos estilos de *Jujutsu*. Ele realizou um estudo acadêmico de outros *ryus* (escolas) de *Bujutsu* clássico, em especial dos métodos de combate desarmado prescritos nos currículos dos estilos *Sekiguchi Ryu* e *Seigo Ryu* (DRAEGER, 1997; STEVENS, 2007).

Além de sua pesquisa nos métodos clássicos japoneses, Kano ainda investigaria posteriormente esportes ocidentais como a luta Greco-romana e o Boxe (STEVENS, 2007).

É importante, para a compreensão da formulação do *Judô Kodokan*, observarmos uma transformação no foco dos estilos de *Jujutsu* que deram sustentação à idealização do estilo de Jigoro Kano. A partir do período Edo (período anterior à restauração Meiji), ou seja, no início do Xogunato Tokugawa, houve uma mudança na forma como eram desenvolvidos os estilos de *Jujutsu*. Até então, as técnicas e as formas de combate eram adaptadas à tudo aquilo que funcionava no campo de batalha. Ou seja, em situações de combate em que um adversário estaria de armadura e, tanto poderia estar armado, como desarmado. Entretanto, após a unificação do Japão sob o domínio do clã Tokugawa, se iniciou um período de relativa paz. Dessa forma, os estilos que ainda existiam nesse período, ou que passaram a existir, em sua maioria mudaram o foco da situação de combate. Sendo assim, ao invés de encarar as situações de combate no contexto da guerra entre dois exércitos, esses estilos se voltaram para o uso de técnicas em situações “comuns”, focando especialmente em situações de combate desarmado e defesa pessoal. Um *Jujutsu* desenvolvido para, ou por, pessoas comuns, e não para soldados. Visto que, com exceção dos samurais, as pessoas comuns não podiam carregar armas, os novos estilos enfocaram as estratégias de combate para que funcionassem, por exemplo, em uma briga de rua. Ainda que, alguns estilos tenham se formado posteriormente por pessoas que não possuíam conhecimento prático em combate, diversas escolas ainda possuíam em seu currículo técnicas provenientes dos estilos mais antigos testados nas guerras que se desenvolveram no Japão nos longos anos anteriores à unificação (MOL, 1970).

Esse é um fato importante de ser comentado, visto que a partir dele podemos compreender a formulação de estilos de artes marciais japonesas mais recentes, provenientes desse período. Como por exemplo, o Judô, e entender a razão pela qual o foco reside em técnicas de combate desarmado, ainda que possuam em seu currículo técnicas com armas.

Kano se graduou pela Universidade de Tóquio em 1881 e, em 1882 mudou-se para *Eisho-ji*, um templo budista, onde com apenas 22 anos fundou o Kodokan, seu “Instituto para o Estudo do Caminho”. Após estudar o *Jujutsu*, Jigoro Kano passou a acreditar que, se adaptado às necessidades dos tempos modernos, poderia se tornar uma forma de educação física e também de preservar a cultura do povo Japonês. Kano chamou seu estilo de *Kodokan Judô*, a mudança da utilização do termo *Jujutsu* pelo *Judô* se deveu ao novo formato que queria dar ao *Jujutsu*, indicando que, mais do que apenas o conhecimento técnico, o “jitsu”, sua arte possuía um “Do”, um caminho, uma filosofia (STEVENS, 2007).

A denominação *Judô* entretanto, já era utilizada a vários séculos por estilos de *Jujutsu*, sendo seu primeiro uso atribuído ao estilo *Jikishin Ryu de Jujutsu*. Esse fato fez com que Kano insistisse no prefixo “*Kodokan*” para que houvesse distinção entre os ensinamentos do *Judô* usado pelos estilos clássicos (DRAEGER, 1997; MOL, 1970).

No início, o professor de *Jujutsu* de Kano, *likubo*, aparecia uma ou duas vezes por semana em seu *Dojo* para dar instruções. E continuou ensinando Jigoro Kano na prática do *Kito Ryu Jujutsu* até que *likubo* lhe cedeu uma licença para ensinar o estilo *Kito de Jujutsu* (STEVENS, 2007; WATSON, 2011).

Segundo Stevens (2007), Kano obteve essa licença em 1883, entretanto, o trabalho de Watson (2011) que se trata de uma coletânea das palavras do próprio Jigoro Kano, este afirma o seguinte sobre o período que teve instruções de seu mestre:

“Apesar de já estar lecionando jujutsu para os outros, eu ainda continuei recebendo instruções de *Kito jujutsu* do mestre *Tsunetoshi likubo* até 1885 ou 1886. [...] Nas nossas sessões práticas de *randori*, normalmente *likubo*, por ser muito mais experiente, arremessava-me muitas vezes. Um dia, contudo, no ano de 1885, creio, numa rodada de *randori*, consegui arremessá-lo pela primeira vez. Apesar de, durante a sessão, tentar insistentemente me arremessar, *likubo* não conseguiu.[...] Concluí que meu sucesso se devia sem dúvida aos meus estudos sobre o *kuzushi*, um método para tirar o equilíbrio do oponente” (WATSON, 2011, p. 74).

Ainda segundo Kano, após comentar com seu mestre sobre sua compreensão do conceito de *kuzushi*, likubo lhe disse que sua conclusão era válida. Além disso, haveria lhe dito que mais nada havia a lhe ensinar. A partir de então, os dois não se enfrentariam novamente em *Randori*, mas Kano continuaria a ter lições de *Kata* sob a orientação de likubo até que pouco tempo depois receberia seu certificado de mestre do estilo *Kito Ryu* (WATSON, 2011).

Ainda que houvesse começado seu projeto do Instituto *Kodokan* em 1882, nos é possível perceber com os relatos acima que ainda era muito próxima a relação entre Kano e seu mestre, bem como com o estilo *Kito Ryu*. O processo de elaboração técnica do *Kodokan* não foi imediato, e nem terminou em 1882. Segundo autores como Mol (2001) e Draeger (1997), o *Judô Kodokan* ainda possuía muita semelhança com os estilos de *Jujutsu* tradicionais que Kano havia aprendido. Portanto, Jigoro Kano iniciou o *Judô* tendo como base os estilos que havia aprendido (*Tenjin Shinyo* e *Kito*) e, passou a incorporar as técnicas de outros estilos que pesquisava. É interessante também relatar que, nos primeiros anos do *Kodokan*, Kano ainda ensinava a seus alunos os *Katas* de ambos os estilos tradicionais de *Jujutsu*: o *Tenjin Shinyo Ryu* e o *Kito*. Só vindo a ser criado por volta de 1886 o *Nage no Kata* o primeiro *Kata* elaborado no *Kodokan*, ou seja, um pouco depois que Kano ganhou a licença do estilo *Kito* (MOL, 1970; DRAEGER, 1997; WATSON, 2011). Vale ressaltar também as palavras do próprio Kano acerca desse desenvolvimento:

“Além dos estilos *Tenjin Shinyo* e *Kito*, estudei técnicas de outras escolas de *jujutsu*. Também descobri que o treinamento das artes marciais pode ser utilizado como potente força na busca do autoaperfeiçoamento. A partir dessa variedade de estilos de *Jujutsu*, decidi adotar as técnicas mais eficazes e adicionar algumas novas ideias” (WATSON, 2011 p. 51).

A partir de então o *Judô* se popularizou pelo Japão e começou a rivalizar com as antigas escolas de *Jujutsu*. Em 1884, Kano conseguiu construir um *Dojo* maior e, por volta de 1889 mudou-se para a área de *Kami Nibancho* onde tinha mais de mil e quinhentos alunos, além de já possuir filiais em algumas

partes de Tóquio. O *Judô Kodokan* já caminhava para atingir uma posição proeminente no mundo das artes marciais do Japão moderno (STEVENS, 2007).

Por Maeda ter sido aluno do Kodokan, é preciso que se compreenda a influência do *Jujutsu* na idealização do *Judô*, caracterizado principalmente pela prática de Kano nos estilos *Tenshin Shinyo Ryu* e *Kito Ryu*. Além disso, sua curiosidade e busca no conhecimento de outros estilos clássicos de *Jujutsu*, com o objetivo de preservar um conhecimento que, pela modernização do Japão na época, tendia a cair em desuso. Jigoro Kano sistematizou as técnicas desses estilos antigos e, desenvolveu um método capaz de promover um esporte, uma forma de educação física. Ou seja, ainda que muitas das técnicas de *Judô* sejam provenientes do *Jujutsu*, a principal inovação de Kano não foi propriamente nas técnicas de combate em si, mas possibilitar a prática segura dessas técnicas entre dois adversários, bem como sistematizar uma didática condizente com a modernidade do Japão de sua época. É interessante ressaltar também que, após a popularização do *Judô*, diversos mestres de estilos de *Jujutsu* se uniram a Jigoro Kano, possibilitando o contínuo desenvolvimento técnico dos praticantes do Kodokan.

2.2.2. A ORIGEM DO JIU-JITSU BRASILEIRO

A conexão entre o *Judô* desenvolvido por Jigoro Kano e o Jiu-jitsu Brasileiro, está na figura de Mitsuyo Maeda, o Conde Koma. Sendo assim, o objetivo deste sub-tópico é compreender como Maeda promoveu o *Judô* pelo mundo, e o efeito desse processo na criação da arte marcial fundada pela família Gracie. A história de Maeda é, por vezes, controversa em alguns pontos, principalmente quando se trata de sua experiência marcial. Poucos são os textos que tratam especificamente de sua história de vida e, por esse motivo, conhecer a forma como se desenvolveu o fato anteriormente exposto se torna difícil. Muitos dos estudos sobre Maeda são em japonês, e outros tantos em inglês. Talvez o único autor brasileiro que se propôs a realmente destrinchar a vida desse personagem foi Stanlei Virgilio. Sendo assim, mais do que simplesmente contar essa história, é necessário realmente montar um

quebra-cabeça e, algumas vezes comparar versões sobre um mesmo fato, para se atingir uma compreensão completa.

Maeda nasceu na província de Aomori no Japão, na vila de Funazawa, cidade de Hirosaki, em 18 de novembro de 1878. Segundo Virgilio (2002), Green (2011) e Langton (2011) ainda em sua infância, começou aprendendo o Sumo, um esporte muito popular no Japão. Virgilio (2000) conta que, posteriormente, em 1894, ano em que terminou o colegial aos dezessete anos, resolveu se mudar para Tóquio e estudar no que viria a ser a Universidade de Waseda. Ao buscar uma modalidade de luta, logo se atraiu pelo Judô Kodokan onde, segundo Virgilio (2002) se inscreveu no mesmo ano. Entretanto, Green (2011) e Cairus (2011) afirmam que, após se mudar para Tóquio em 1896, viria a se registrar no Instituto somente em junho de 1897. Fato é que na época que Mitsuyo Maeda se mudou para a capital, se ouvia falar sobre os desafios entre o Kodokan e os outros estilos de *Jujutsu* disputando o posto de instrução da academia de polícia. Esses embates vencidos quase sempre pelos lutadores da *Kodokan* aumentou a popularidade da escola de Jigoro Kano pelo país (STEVENS, 2007 ; VIRGILIO, 2002 ; TAKAO, 2010 ; GREEN, 2011).

De acordo com Virgilio (2002), ao chegar ao Kodokan, o garoto foi colocado aos cuidados de Tsunejiro Tomita, o primeiro dos alunos de Jigoro Kano. Outra versão, apresentada por Green (2011) e Cairus (2011) atesta que o jovem ficou aos cuidados de Sakujiro Yokoyama, um lutador do *Kodokan* acostumado a lutar em desafios. Em pouco tempo Maeda, demonstrando grande aptidão para o *Judô*, recebeu o grau de *Shodan* (faixa preta) e, já em 1903, ainda que houvesse grandes Judokas no Kodokan, eram os nomes de Maeda e Satake (quem viria a ser seu companheiro de viagens futuramente) que tinham maior destaque nos tatames do *Kodokan*. Vale ressaltar as palavras de Kyuzo Mifune apud Virgilio (2002, p. 37):

“As palavras de Maeda foram de grande valor e incentivo para mim, principalmente vindo de quem sempre admirei, mesmo sendo Yokoyama meu professor. Devo constar ainda, que naquela época Nobushiro Satake e Mitsuyo Maeda eram sandam e lecionavam na Universidade de Waseda e no Kodokan, eram ainda os dois que coordenavam os treinamentos, embora (que) na direção do Kodokan ainda pontuassem nomes como os de Tsunejiro Tomita, Eisuke Ooshima, Etsurô Munakata e Itorô Honda.”

Ainda em 1903, Maeda receberia seu quarto grau na faixa preta. (GREEN, 2011; VIRGILIO, 2002). Percebemos, portanto, que Maeda não se tornou somente um dos grandes lutadores do Kodokan, como também instrutor não só desse instituto mas da Universidade de Waseda e ainda outras academias em Tóquio.

Segundo Virgilio (2002), por esse motivo, ao escolher os participantes da comitiva responsável por continuar a implantação do Judô nos Estados Unidos iniciada por Yamashita, Jigoro Kano resolveu mandar juntamente com Tsunejiro Tomita, Mitsuyo Maeda e Satake, dois entre os melhores lutadores do Kodokan. A ideia era que Tomita, o mais velhos entre os três, explicasse a teoria do *Judô* e ressaltasse a parte filosófica da arte, enquanto a Maeda e Satake, caberia demonstrar a aplicação técnica e participar de um combate com um lutador americano. Yamashita havia sido enviado anos antes aos Estados Unidos para iniciar a implantação do Judô nesse país. Após ter lecionado *Judô* na Casa Branca, Yamashita passou a dar aulas em uma academia naval e, com seu retorno ao Japão, ficaria ao encargo dos três enviados por Jigoro Kano, dar continuidade a esse trabalho (VIRGILIO, 2002 ; GREEN, 2011).

Com relação a esse fato, duas versões mais contundentes foram encontradas. Na primeira versão, Virgílio (2002), afirma que em junho de 1906 partem para os Estados Unidos os três representantes do *Kodokan*. Em Washington, ficam alojados em um hotel próximo à Casa Branca, sede do governo norte-americano, esperando o momento de sua apresentação ao presidente. Os três ainda portavam uma carta de apresentação redigida por Jigoro Kano. Nesse evento estavam presentes o Presidente Theodore Roosevelt, sua esposa e sua filha, autoridades, esportistas, repórteres e membros da embaixada e da colônia japonesa.

Uma segunda versão é sustentada por Green (2011) e Cairus (2011), ao apontarem que na verdade, essa apresentação ocorreu na Base Militar de West Point em Nova York. Segundo Green (2011), o sucesso de Yamashita nos estados Unidos como instrutor incentivou a ida de Tomita, que levou Maeda como um auxiliar para as demonstrações. Green (2011) e Cairus (2011) ainda contam que os dois teriam chegado nos Estados Unidos dois anos antes

do que o afirmado por Virgilio (2002), em 8 de dezembro de 1904 e realizado a demonstração em janeiro de 1905.

Para este estudo, foram encontradas notícias referentes a apresentações demonstrativas de Tomita e Maeda nos Jornais americanos San Francisco Call, New-York Daily Tribune e The Sun. A primeira notícia encontrada foi em uma edição de 03 de fevereiro de 1905 do jornal New-York Daily Tribune, e a última, com uma apresentação conjunta de Maeda e Tomita, em 8 de fevereiro de 1906 em uma publicação do mesmo jornal. Isso evidencia que as versões de Green (2011) e Cairus (2011), parecem mais corretas visto que, se os dois homens já se apresentavam em universidades americanas em 1905, faz sentido que tenham chegado àquele país em 1904 ao invés de 1906.

A versão de Virgilio (2002) coloca que no dia da realização do evento, quando chegou o momento de realizar o combate, ao invés de prosseguir com os planos e apresentar Maeda ou Satake para a luta, Tomita resolveu lutar. Apesar de ter sido o primeiro aluno do professor Kano, Tomita já não possuía mais a capacidade de luta de outrora e não estava treinado para um duelo dessa importância. Tomita enfrentou então Bill Owens, um cubano com 1,94 metros de altura e mais de cem quilos de peso. Tomita então é completamente dominado pelo lutador cubano, e perde a luta.

Entretanto, Gracie (2001) e Langton (2011) colocam que essa versão não se sustenta. O embate ocorreu segundo os dois autores na West Point Military Academy, onde disputaram, nessa demonstração, o posto de professores. No estudo apresentado por esses autores, os lutadores do Kodokan venceram os primeiros desafiantes, mas Tomita, por fim, teria sido derrotado pelo Jogador de Futebol Americano Harold Tipton.

Segundo os autores, após a derrota de seu professor, Mitsuyo Maeda e Soichiro Satake envergonhados resolvem permanecer nos Estados Unidos e resgatar o prestígio e a credibilidade do *Judô* nesse país. Por dois anos realizaram mais de cem desafios contra representantes do Boxe, luta livre e outros estilos de luta, tendo vencido todos. Após algum tempo, Satake resolveu continuar a propagar o *Judô* dando aulas nas escolas, polícias e forças armadas, enquanto Maeda continuou enfrentando os combates que lhe eram propostos (VIRGILIO, 2002 ; GRACIE, 2001 ; GREEN, 2011). Ainda que uma série de autores afirmem que imediatamente após a derrota de Tomita, ele

tenha se separado de Maeda, foram encontradas evidencias neste estudo de que isso não parece verídico. Visto que foi encontrada uma reportagem no jornal New York Daily Tribune em que Maeda realiza uma apresentação de *Judô* com Tomita na Universidade de Columbia em fevereiro de 1906, é de se supor que os dois tenham permanecido ainda, ao menos, mais um ano juntos na América.

Entre 1906 e 1908, Maeda excursionou por Inglaterra, Bélgica, Espanha, sendo que na Espanha obteve o apelido de Conde Koma. Posteriormente passou por México, Cuba, Costa-Rica, Argentina, Peru, até chegar ao Brasil. Maeda chega ao Brasil em 14 de novembro de 1914 entrando no país por Porto Alegre. Com ele chegaram Satake, Laku e Shimisu, os dois últimos se agregaram ao grupo no Peru e na Argentina, respectivamente. Em 18 de dezembro de 1915 os lutadores chegam a Manaus (NUNES, 2011 ; VIRGILIO, 2002 ; GREEN, 2011).

Posteriormente, ao chegar em Belém do Pará, a trupe de lutadores realiza demonstrações e desafios. Em uma dessas demonstrações em 1917, se encontrava um jovem de nome Carlos, filho de Gastão Gracie, que logo se interessou pela arte marcial que viria a ser conhecida no Brasil como Jiu-jitsu (VIRGILIO, 2002).

Gastão Gracie, filho de um escocês que migrou para o Brasil, estabeleceu-se no Pará no final do século XIX, e sem emprego certo fundou a companhia American Circus com os Irmãos Queirolo e contratou o grupo de lutadores Japoneses comandados por Maeda para realizar um desafio. Carlos Gracie teve, então, seus primeiros contatos com o Jiu-jitsu no circo de seu pai (TAKAO, 2010 ; VIRGILIO, 2002).

Carlos esteve com Maeda dos 15 aos 19 anos, entretanto, teve contato com seu professor de forma contínua somente por um ano, nos três anos seguintes Maeda seguiu em sua missão de popularizar o *Judô* pelo mundo e continuou a realizar suas viagens internacionais. Durante esse período, Carlos também teve aulas com Jacinto Ferro outro aluno de Maeda (GRACIE, 2008 ; NUNES, 2011).

Aos 19, o jovem Gracie se transferiu para o Rio de Janeiro com a família, e adotou a profissão de lutador e professor, passando os conhecimentos adquiridos com Maeda para seus irmãos. Em 1925, Carlos Gracie abriu sua academia no Rio de Janeiro chamada: Academia Gracie de Jiu-jitsu. Esse foi o primeiro passo para a formação do estilo formado pela família Gracie nos anos que viriam a seguir. Deve-se ressaltar a contribuição de Hélio Gracie, irmão mais novo de Carlos, na divulgação e desenvolvimento do Jiu-jitsu Gracie. Hélio se tornou o maior expoente brasileiro do Jiu-jitsu em sua época, tendo enfrentado dezenas de adversários em desafios de Jiu-jitsu e do chamado Vale-tudo na época. Contribuiu, assim, não só com o desenvolvimento técnico da arte, como também com a popularização da prática em nosso país. (GRACIE, 2001; VIRGILIO, 2002; GRACIE, 2007 ; TAKAO, 2010)

Dessa forma, uma questão deve ser destacada. Por que então a arte marcial desenvolvida pela família Gracie foi denominada Jiu-jitsu, ao invés de *Judô*?

Alguns autores apontam que na época em que o judô começava a ser introduzido no ocidente o termo *Jujutsu* ainda era mais empregado. Muitos textos e livros da época, inclusive, denominam a arte marcial como “*Kano Jujutsu*”, pois para alguns, era um estilo de *Jujutsu* criado por Jigoro Kano. Entre 1890 e 1908, ainda se usava o termo Ju-jutsu para a prática do Kodokan (TAKAO, 2010). Alguns autores defendem a idéia de que posteriormente, quando Maeda começou a realizar desafios, preferiu utilizar o termo *Jujutsu*, ou Jiu-jitsu, para denominar o que fazia, visto que no Kodokan os desafios contra outros estilos marciais não era visto com bons olhos (GRACIE, 2001 ; ANDREATO, 2010).

Entretanto, outros autores não concordam que essa tenha sido a principal razão para isso e sugerem a seguinte versão: na época em que Maeda saiu do Japão era comum o uso do termo “*Judô*”, quando queriam falar da parte filosófica e educativa. Por outro lado, usavam “*Jujutsu*”, quando falavam da parte puramente técnico-combativa. Foi na década de 1920 que o governo japonês determinou que a modalidade desenvolvida por Jigoro Kano

deveria ser chamada de “Judô”. Somente nos anos 40 e 50 que os praticantes do Brasil começaram a usar o termo “Judô” de modo definitivo. A família Gracie resistiu a estas tendências, e preservaram o termo utilizado por Maeda ao ensinar Carlos, ou seja “*Jujutsu*” ou “Jiu-Jítsu” (TAKAO, 2010 ; BORGES, 2011).

Para verificar essa ideia, podemos observar outro personagem que também fez parte do processo de popularização do *Judô* fora do Japão. Yamashita, que foi para os Estados Unidos antes ainda de Maeda, aparentemente também não chamou o que ensinava de *Judô*, ou então a mesma confusão com relação à nomenclatura ocorreu em sua história. Observamos essa questão em uma carta datada de fevereiro de 1905 de Theodore Roosevelt para um de seus filhos, o ex-presidente norte-americano escreve:

“Ontem à tarde tivemos o Professor Yamashita aqui para lutar com Grant. Foi muito interessante, mas é claro que o nosso wrestling e o jiu jitsu são tão distantes que é difícil fazer qualquer comparação entre eles. Wrestling é simplesmente um esporte com regras quase tão convencionais como as de tênis, enquanto o jiu-jitsu é realmente voltado para a prática em matar ou desabilitar o nosso adversário” (BISHOP, 1919 , p. 116).

É interessante notar que Roosevelt insiste em utilizar o termo Jiu-Jitsu ainda que já houvesse conhecido o termo *Judô* pelo próprio Yamashita anteriormente como mostra uma carta de Janeiro do mesmo ano:

“Caro Sturgis:

No ano passado, quando tive o Professor Yamashita a me ensinar o “Jiudo”, como eles parecem agora chamar Jiu Jitsu - o adido naval aqui, Comandante Takashita, costumava vir e trazer um jovem rapaz, Kitgaki, que está agora entrando em Annapolis.[...]” (BISHOP, 1919 , p. 113).

Verifica-se também que, posteriormente, em uma edição de 03 de abril de 1906 do jornal The San Francisco Call aparece uma notícia (figura 1) com relação a Yamashita na época em que seu contrato termina com a Academia Naval dos Estados Unidos em Annapolis. O texto se refere a Yamashita como professor de Jiu-jitsu, ainda que Yamashita fosse oriundo do *Kodokan* de

Jigoro Kano. Demonstrando a pouca informação que possuíam à época acerca das diferenças entre o *Judô* de Jigoro Kano e o *Jujutsu* tradicional.

Posteriormente, na edição de 05 de fevereiro de 1905 do jornal *The Ereckenridge News* em uma matéria anterior que os americanos percebem ter havido uma certa confusão com relação aos termos *Jiu Jitsu* e *Judô* (figura 2). A matéria, de título “*Jiu Jitsu e Judô*” explica que houvera confusão, os cadetes navais em Annapolis não estavam aprendendo o chamado à época “*Jiu-jitsu*” mas, segundo o artigo, uma arte mais avançada chamado *Judô*.

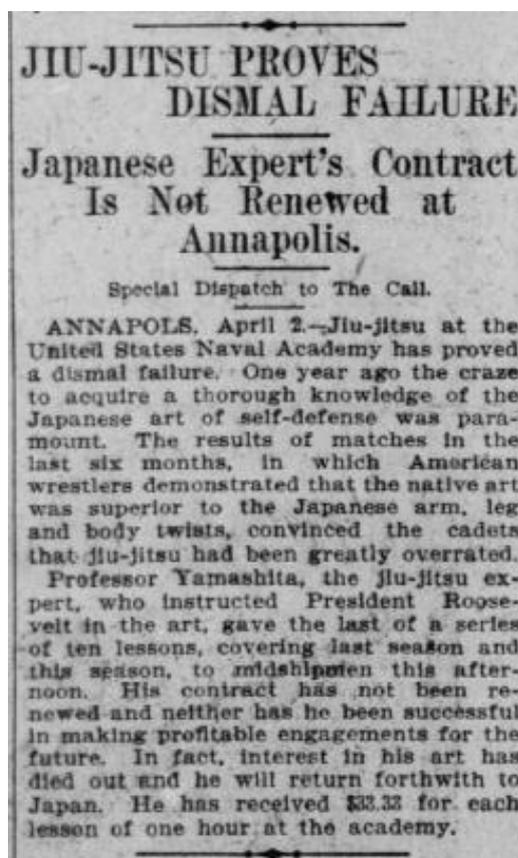


Figura 1, Matéria de Jornal *Jiu Jitsu se prova um fracasso* Fonte: *The San Francisco Call*, 03 de abril de 1906, p. 5

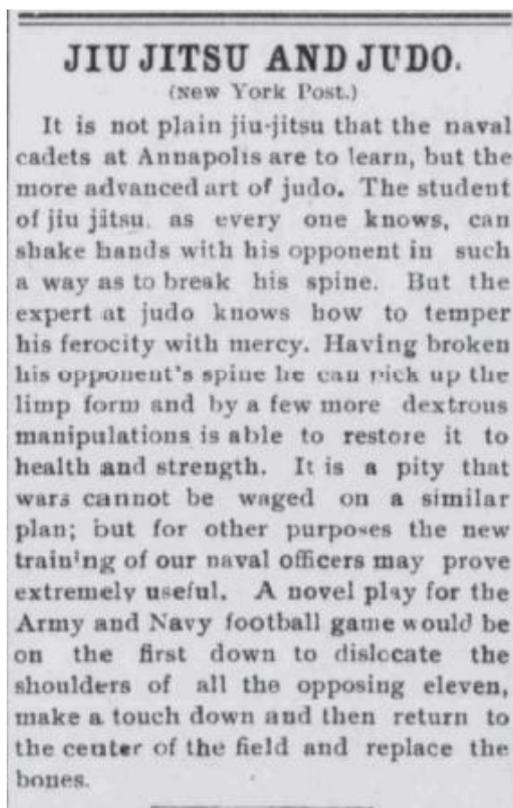


Figura 2 Jiu Jitsu e Judo Fonte: The Ereckenridge News, 05 de fevereiro de 1905, p. 4

Percebe-se que tal conflito, conforme o exposto, não foi particular em Belém do Pará no Brasil. Mas constituía algo, aparentemente, comum naquela época. Vale ressaltar que, tanto na carta de Roosevelt, como nos jornais, o termo naquela época quase sempre era escrito “Jiu-Jitsu” ao invés de *Jujutsu* como hoje se conhece como correto. Sendo assim, verificamos o que foi exposto em capítulos anteriores: que não havia concordância na forma com que chamavam àquela época o Judô de Kano no ocidente, ou seja, Carlos Gracie utilizou, quando perguntado o nome da arte, a nomenclatura mais usual à época. Takao (2010) ainda destaca a figura de Oswaldo Fadda, aluno de Luis França, que por sua vez foi aluno de Mitsuyo Maeda. Assim como Carlos Gracie, a linhagem de Fadda ainda hoje chama aquilo que pratica de Jiu-jitsu e, portanto, mostra a coerência com o que a família Gracie propagou nos últimos tempos.

É importante salientar que, ainda hoje, muitas controvérsias são encontradas quando estudada a história de Mitsuyo Maeda. Podemos perceber

no exposto anteriormente quanto ao que concerne a datas e locais, que existem divergências entre autores. Entretanto, ainda assim, é possível vislumbrar de maneira geral a história de sua vida. Um dos pontos mais conflitantes seria se Maeda teria aprendido *Jujutsu* tradicional em sua juventude, ou somente o Sumô. Ainda que alguns autores afirmem que ele teria aprendido *Jujutsu*, não existem informações quanto a seu professor, há quanto tempo se dedicou a essa arte, e ainda que estilo (*ryu*) teria aprendido. Se hoje encontramos tantas dúvidas acerca desse personagem, é possível compreender as razões pelas quais muitos anos atrás, ainda no período de formação do Judô no Brasil, fosse complicado compreender o termo correto daquilo que se praticava. Sendo assim, é compreensível que com a maior dificuldade de informações da época, a família Gracie adotasse o termo Jiu-Jitsu, e acreditasse que aquilo que praticavam fosse uma atividade muito diferente do *Judô*. Simplesmente mantiveram aquilo que, possivelmente, foi transmitido de informação de Maeda para Carlos Gracie.

2.3 AS DIFERENÇAS DO JUDÔ NA ÉPOCA EM QUE MAEDA SAIU DO JAPÃO COM O JUDÔ ATUAL

Nesse capítulo serão contextualizadas as diferenças do Judô na época em que Maeda saiu do Japão com o Judô atual.

Dentro da pesquisa realizada, percebeu-se que uma série de autores abordam sobre as diferenças entre o que se desenvolvia na Kodokan no início de seu desenvolvimento e, o Judô que conhecemos atualmente. Isso pode ser observado nos trabalhos de alguns autores que tivemos acesso, tais como Harrison (1982), Draeger (1997), Nunes (2011), Takao (2010), Villámon (2004), Gracie (2003). Os autores, em sua maioria, denominam esses diferentes formatos chamando o primeiro de Judô Kodokan Tradicional, e o segundo de Judô Olímpico.

Maeda fez parte da segunda geração de estudantes do Kodokan, ou seja, foi aluno de um aluno de Jigoro Kano: Segundo alguns, estudou com Tsunejiro Tomita, segundo outros com Sakujiro Yokoyama. Fato é que, Maeda conviveu não só com esses professores, como também com o próprio criador

do Judô. Por volta de 1904 quando Maeda saiu do Japão em direção à América, até o momento que chegou ao Brasil, e ensinou Carlos Gracie, por volta de 1915, fica sem contato com o Kodokan e, por isso, pode-se presumir que aquilo que ensinou a Carlos Gracie fazia parte do Judô mais tradicional do início da formação do Instituto. Analisaremos então, quais as diferenças que surgiram, e quais foram as causas da alteração do sistema de Judô proposto por Jigoro Kano.

Como foi colocado no capítulo 2.2, o *Judô Kodokan* formulado por Jigoro Kano tinha forte influência dos dois estilos de *Jujutsu* que havia aprendido anteriormente: *Kito Ryu* e *Tenjin Shinyo Ryu*. Em fevereiro de 1882 ele passou a dar aulas fundando o *Kodokan* e a desenvolver uma nova metodologia de ensino marcial, além de incorporar técnicas de diversos outros estilos de *Jujutsu*, e *Wrestling*. Nos primeiros anos a influência do *Jujutsu* japonês era marcante, observamos que ainda eram praticados os *Katas* do *Tenjin Shinyo Ryu* como parte integrante do currículo do *Kodokan*. É nessa época, mais precisamente por volta de 1896, que Mitsuyo Maeda entra no Instituto.

Maeda permaneceu por volta de 11 anos sob treinamento do *Kodokan* até o dia em que rumou para os Estados Unidos com Tomita. Um fato comum àquela época eram os desafios em que participavam o *Kodokan* e lutadores de estilos antigos de *Jujutsu*. Em 1886, por exemplo, houve um torneio promovido pela polícia de Tóquio para escolher quais seriam os instrutores oficiais da polícia em um evento que contou com lutas de praticantes de diversos estilos de *Jujutsu* e, de representantes do *Kodokan*. Tal desafio sendo vencido pelos lutadores da escola de Kano (TAKAO, 2010 ; DRAEGER, 1997).

O *Judô Kodokan*, portanto, em seu principio, possuía uma forte orientação marcial, necessária à época para a sobrevivência e popularização desta Arte Marcial.

Posteriormente, diversos instrutores de *Jujutsu* se uniram a Jigoro Kano no *Kodokan*. Um deles possui forte ligação com os rumos que o *Kodokan* tomou na época, principalmente no período de Maeda. Mataemon Tanabe, em 1900 foi um dos únicos a obter vitórias contundentes contra os lutadores do

Kodokan e, sua estratégia foi desenvolver uma luta de chão bastante forte. Assim, antes que sofresse uma projeção (ponto forte do *Kodokan*) conseguia o que chamamos hoje de “puxar pra guarda”, ou seja, colocar as costas no chão sem que sofresse a projeção ou ficasse em posição de desvantagem. Dessa forma anulando um ponto forte do *Kodokan* que eram as projeções em pé. Ao direcionar o combate ao chão, ele definia as lutas com técnicas de estrangulamento e chaves articulares (GRACIE, 2003; STEVENS, 2007; TAKAO, 2010).

A consequência desse desafio foi que Jigoro Kano incentivou seus alunos a desenvolverem ainda mais a parte de solo do *Kodokan* até que Tanabe fosse derrotado. Por fim, Mataemon Tanabe passou a incorporar o grupo de instrutores do *Kodokan* (STEVENS, 2007). Vale destacar que a prática de incorporar instrutores de *Jujutsu* por Jigoro Kano não era incomum. Kano praticou *Jujutsu* por 5 anos antes de formar a sua escola. Segundo Nunes (2011), após esse período inicial, devido a sua formação como educador, e possivelmente seus contatos políticos, Jigoro Kano absorveu as escolas de *Jujutsu* que ainda restavam e, aproximadamente em 1905, a maior parte dessas escolas e seus mestres já faziam parte do *Kodokan*.

Jigoro Kano descreve esse caso da seguinte forma:

“Pelo fato de termos enfatizado nage-waza, o katame-waza aos poucos foi deixado de lado. Por volta de 1887, mestres de várias escolas de todo o país se reuniram no Departamento de Polícia Metropolitana de Tóquio. Entre eles haviam especialistas em katame-waza. Ao competir com eles, os praticantes da *Kodokan* não tinham problemas ao usar nage-waza, mas inicialmente tiveram dificuldades ao usar katame-waza.[...] Por essa razão, reforçamos a prática de katame-waza, na qual a *Kodokan* ganhou mais proeminência (KANO, 2008, p. 28)”.

Entretanto, Jigoro Kano acreditava que existe um limite para o desenvolvimento do ser humano. Segundo ele, quando se gasta muita energia em uma área, a outra será negligenciada. Ele sugere que o ideal é que o *Katame-waza* (técnicas de imobilização no chão) seja praticado após a aprendizagem de *Nage-waza* (projeções). Ainda assim, ele afirmou que a maior parte das pessoas não conseguiria se tornar excelente em ambos e, sugeriu

que o ideal fosse concentrar os esforços em *Nage-waza*. Somente aqueles que possuíssem interesse particular em *Katame-waza* deveriam praticá-lo como forma principal (KANO, 2008).

Segundo Gracie (2003), Maeda, que na época estava no *Kodokan*, pode ter sido influenciado por esta tendência ao desenvolvimento da parte de solo, muito influente no desenvolvimento do Jiu-jitsu Brasileiro. Nesse período o número de lutadores de Judô que passou a dar preferência às técnicas de chão foi tão grande que Jigoro Kano resolveu que deveria fazer algo a respeito. Entretanto, antes que Kano fizesse qualquer alteração nesse sentido, Mitsuyo Maeda havia saído do Japão rumo às Américas.

No Japão, um dos resultados desse período foi o desenvolvimento de competições de *Judô* em que as regras incentivavam a luta de chão. Essas competições chamadas *Kosen*, futuramente teriam como resultado o que hoje chamam *Kosen Judô*. Alguns autores o colocam como um estilo de Judô mais orientado às técnicas de solo. Segundo Gracie (2003) dentre todas as artes marciais, o *Kosen Judô* é a que mais se assemelha ao Jiu-jitsu Brasileiro. Sendo o *Kosen Judô* um produto desse período e, por sua desvinculação com o *Kodokan*, provavelmente não sofreu as modificações apontadas no *Judô Kodokan* pela esportivização da arte.

O processo de modernização do *Judô* iniciou-se significativamente em 1946 quando as forças americanas, que na época ocupavam o Japão, baniram as práticas marciais, o chamado *Budo* no Japão. Dentre essas práticas, estava o Judô. Essas restrições só iriam ser retiradas ou reavaliadas na condição de que a disciplina fosse redirecionada para a prática esportiva, em detrimento de seu *Budo* (seu foco moral e marcial). Desta forma, a prática do *Judô* voltou a ser liberada, entretanto com as restrições americanas (DRAEGER, 1997 ; VILLÁMON, 2004).

Na medida em que o *Judô* se difundiu fora do Japão seus princípios fundamentais passaram a ser cada vez mais expostos à cultura ocidental. O *Judô* foi reorganizado em estruturas institucionais. A formação de associações internacionais, nacionais e regionais ao redor do mundo, segundo Villamón

(2004), criou uma legitimação burocrática e uma voz coletiva que começou a tomar o poder e o controle de sua comunidade e cultura embrionárias (o Japão). Ou seja, a decisão viria de instituições globais ao invés do local de origem que até então organizava a modalidade, o Kodokan. Esses fatores passaram a se destacar ainda mais a partir do momento em que o *Judô* se incorporou às olimpíadas e, a partir daí, passa a se sujeitar aos interesses que as competições implicam às práticas esportivas tais como: divisão por pesos, limites de tempo, pontuação, limites quanto às técnicas permitidas e ilegais, e assim sucessivamente. O espetáculo implícito aos palcos esportivos daria então como se realizariam as disputas (VILLAMÓN, 2004).

Dentro dessa perspectiva, segundo Villámon (2004) uma pesquisa da International Judo Federation em 2000 avaliou que, por exemplo, as disputas passaram a ser decididas cada vez menos em situações de solo. Condição que chegou a diminuir cada vez mais de forma que em 1999 apenas 9,1% das lutas da categoria feminina foram decididas em situações desenvolvidas no solo e, apenas 4,1% com relação aos homens. O mesmo estudo identificou ainda que essa situação ocorreu devido à: interrupção inapropriada dos árbitros de forma a não permitir o progresso adequado do combate no chão; aos treinadores que se concentraram nas técnicas em pé por perceberem que as técnicas de chão se tornaram menos efetivas devido aos moldes das competições; e estrangulamentos não conseguiam mais ser aplicados devido ao aumento da grossura das golas da vestimenta, o *Judogi* (VILLAMÓN, 2004).

Além das questões técnicas retratadas acima, o que diferenciou o Judô de outros estilos de *Jujutsu* foi que Kano estabeleceu princípios e máximas por trás do ensino do *Judô*. Esse suporte filosófico tem como finalidade auxiliar o desenvolvimento do componente moral, dando à modalidade uma característica de promover o valor ético do indivíduo. (CARR, 1993)

O primeiro princípio norteador utilizado por Jigoro Kano foi *Seiryoku Saizen Katsuyo* ou, o melhor uso da energia. Ainda podendo ser resumido como *seiryoku zenyo* ou eficiência máxima. Desenvolvido a partir do conceito *ju yoku go o seisu* comum às escolas de *Jujutsu* que pode ser traduzido como: o suave controla o duro. Jigoro Kano concebeu a ideia de que não importa qual

o objetivo, para atingi-lo é necessário ao indivíduo empregar sua energia mental e física da maneira mais eficiente (KANO, 2008). Princípio pelo qual as técnicas do *Kodokan* se desenvolveram e, válido não somente para a prática no *Dojo* como também para as situações e circunstâncias da vida (SANTOS, 2009).

O segundo desses dois conceitos é "*Jita Kyoei*" que significa: prosperidade e benefícios mútuos. Estabelecendo uma relação de complementaridade e desenvolvimento entre as relações entre dois colegas de treinamento. Transpondo essa preocupação para o bem-estar social bem como o desenvolvimento pessoal (SANTOS, 2009 ; CARR, 1993).

Kano ainda deixou como legado nove princípios norteadores ao praticantes de Judô que compõem o "espírito do judô". Estabelecendo fundamento e conhecimento no sentido de promover o desenvolvimento psíquico, moral e espiritual (SANTOS, 2009).

O Judô mantém alguns elementos anteriores ao período moderno, como a ênfase nas formas pré-arranjadas (os *Katas*) e sua adesão aos antigos conceitos japoneses de cortesia e de etiqueta. Os *Katas* sobreviveram como uma forma, não só de criar um padrão de execução das técnicas do *Judô*, mas também para treinar as técnicas que não podem ser feitas no *Randori* (treinamento livre) sem que haja o perigo de traumas e lesões, esse é o caso do *Atemi-waza*, que envolve golpes como socos, chutes, joelhadas. Os *Katas* do Judô preservam, portanto, uma característica própria dos antigos estilos de *Jujutsu* (CARR, 1993).

Entretanto, percebe-se que com a mudança das características das competições esportivas o modelo de treinamento e ensino passou a se dirigir no sentido daquilo que era mais efetivo em um aspecto puramente esportivo. Santos (2006) destaca em seu trabalho como os princípios do Judô tem sido cada vez mais esquecidos e, mesmo a prática do *Kata* é pouco exercitada. Como foi destacado, estudar os princípios e máximas são importantes ao indivíduo não somente para a prática em si, como também por sua finalidade de formação como cidadão. É importante que, além de realizar os rituais

inerentes a prática como, por exemplo, as saudações e demais regras de etiqueta, se compreenda o porquê do que se faz. Vale destacar que o processo de esportivização foi responsável, então, não somente por uma diminuição do foco nos pressupostos ideológicos da arte, mas também técnico. Ou seja, o foco passa a ser aquilo que funciona dentro das regras e, é importante lembrar, muitas foram as regras implantadas nos anos após a morte de Kano em 1930, principalmente após a inclusão da modalidade nas olimpíadas. Sendo assim, cabe a discussão de analisar se tais modificações estão ou não em acordo com aquilo que propôs o criador do *Judô*, ainda que atenda as expectativas das instituições responsáveis atualmente. Mesmo a prática do *Kata* que, de acordo com Kano seria a base da modalidade que criou, parece ter sido deixada em segundo plano.

Vale ressaltar as palavras de Nunes (2011, p. 168):

“Da antiga arte marcial, o judô do século 21 herdou muito pouco. Na maioria das academias brasileiras a prática das técnicas de defesa pessoal e de combate real são desconhecidas, ou muito pouco praticadas. As formas clássicas, os *Katas*, também foram esportivizados. Neste espaço, vem ganhando terreno na mídia e na sociedade outras práticas como o Jiu-jitsu Brasileiro e os eventos de vale-tudo”.

Dessa forma, a globalização, a esportivização e a institucionalização do *Judô* modificaram a estrutura inicial do mesmo. No Kodokan à época de Maeda o que era praticado se difere substancialmente do que conhecemos hoje. A um observador menos atento, uma competição de *Judô* talvez pareça somente uma forma de combate em que um lutador tenta a todo custo e, despendendo de toda sua capacidade física, derrubar o outro. Entretanto, sob um olhar mais minucioso, o *Judô* passa a ser uma arte marcial completa contando inclusive com um sistema de defesa pessoal que já parece esquecido.

2.4 AS DIFERENÇAS ENTRE O JIU-JITSU BRASILEIRO E O JUDÔ ATUALMENTE

Para compreender as diferenças que observa-se hoje entre o Jiu-jitsu Brasileiro e o *Judô*, devemos investigar a passagem de Mitsuyo Maeda pelo Brasil e o desenvolvimento do Jiu-jitsu pela família Gracie.

Maeda, então, em 1915 encontrou com Carlos Gracie e lhe ensinou o *Judô Tradicional* que havia aprendido no Kodokan. Nunes (2011) afirma que a experiência adquirida durante os anos de desafios contra adversários de diversas modalidades de luta e, muitas vezes, com maior peso e estatura que ele, foi seu maior legado. Parecendo ter sido esse o foco dos ensinamentos de Maeda a Carlos Gracie, ou, o que mais chamou a atenção de Carlos, e, conseqüentemente, foi isso que ensinou a seus irmãos.

Parece haver concordância quanto a essa questão em outras fontes, como Gracie (2001), quando afirma que as informações quanto ao que Maeda teria ensinado a Carlos Gracie são escassas. Principalmente naquilo que se refere às técnicas que haveria lecionado. Entretanto, uma questão é destacada por Gracie (2008) e Gracie (2003), ao afirmarem que através dos combates que vivenciou durante os anos que saiu do Kodokan até chegar ao Brasil, o professor de Carlos teve que adaptar as técnicas que conhecia para as condições de exigência do combate. Exemplo disto, foi discernir entre as principais forças e fraquezas de seus adversários, que muitas vezes representavam o Wrestling, ou o Boxe, e encontrar maneiras de lutar explorando essas fraquezas. Esses autores concluem que as principais lições transmitidas para Carlos Gracie foram que: com pequenas modificações as técnicas de agarramento poderiam ser uma forma efetiva de combate; existe a necessidade do treino livre (*Randori*) para o desenvolvimento técnico em situação mais próxima de um combate real; as técnicas propriamente ditas, e a estratégia básica de levar o adversário para o chão eliminando seus pontos fortes (chutes e socos) explorando as técnicas de estrangulamento e chaves articulares para vencer a luta.

Uma série de autores como Martin (2010), Cartaxo (2011) e Vidal (2008) avaliam que, a grande modificação do Jiu-jitsu Brasileiro foi dar foco as situações de combate no solo. Assim, respeitando o conceito estratégico que para Gracie (2001) fez parte dos ensinamentos de Mitsuyo Maeda quanto à forma de ganhar o combate, talvez uma das maiores contribuições do Jiu-jitsu Gracie seja a posição de guarda, um conceito que permite ao lutador, mesmo estando com as costas no chão em posição de aparente desvantagem, ganhar

o combate com uma finalização ou reverter sua posição para uma de maior vantagem.

A Hélio Gracie se atribuiu a modificação das técnicas que Carlos havia aprendido com Mitsuyo Maeda, para que se adaptassem a seu tipo físico e assim facilitando a execução dos movimentos. A essas modificações atribuídas a Hélio se confere o início da formulação do Gracie Jiu Jitsu, ou seja, o ponto em que aquilo que a família Gracie praticava começa a adquirir um formato diferente daquilo que Maeda ensinou a Carlos. Assim se distanciando ainda mais do *Judô* Tradicional aprendido pelo professor do Gracie no Japão (GRACIE, 2001 ; AWI, 2011 ; NUNES, 2011 ; GRACIE, 2003).

Awi (2011) atribui o desenvolvimento da guarda no Jiu-jitsu a Hélio Gracie, irmão de Carlos. Segundo o autor, Hélio aperfeiçoou as técnicas de defesa ao ponto em que permitisse ao lutador que estivesse por baixo, na posição de guarda, neutralizar as vantagens que o lutador que estava por cima tinha, esperando que houvesse um erro do oponente para ganhar a luta. Awi (2011) diz que Hélio chamava isso de “cozinhar a luta”. Valente apud Awi (2011, p. 29) assim explica:

“Todos os golpes que existem hoje – chave de braço, estrangulamento, mata-leão, raspagem, triângulo e guilhotina – você encontra nos livros japoneses antigos. A única coisa que não consegui encontrar foi essa capacidade de defesa em que o mais fraco consegue ficar em baixo do mais forte sem ser espancado”.

Conforme Ribeiro (2008) essa defesa corresponde às posições de sobrevivência, que são as que nos trazem de maneira mais próxima ao fundador do Jiu-jitsu, Hélio Gracie. Esse autor justifica que, ao enfrentar adversários mais fortes e pesados, Hélio percebeu que a energia necessária para impedir os avanços do oponente, era menor do que aquela usada para tentar escapar da situação. Ribeiro conceitua sobrevivência como assumir uma posição defensiva em que não é necessário usar sua musculatura para se proteger, sendo assim capaz de impedir a ofensiva do adversário e não ser finalizado, forçando seu oponente a permanecer fora de sua zona de conforto

tornando suas ações previsíveis. Desse modo, mais eficiente do que escapar das situações impostas pelo adversário seria evitá-las antes de acontecerem.

Nos anos seguintes, o Jiu-jitsu continuava a se desenvolver e o foco nas situações de luta de solo se tornava cada vez mais acentuado. Segundo Takao (2010) o Jiu-jitsu Brasileiro não pode ser explicado como algo inventado por poucos e em pouco tempo. Segundo ele, em 90 anos de existência a modalidade mudou consideravelmente. Uma citação de Cairus apud Takao (2010, p. 58) explica:

“Um dos fatores que motivaram as mudanças do Jiu-Jitsu foi justamente a falta de um formato rígido e de uma escola reguladora como o Kodokan. O fato de ter nascido de um encontro fortuito entre Carlos Gracie e Maeda foi determinante para o Jiu Jitsu brasileiro evoluir livre de dogma” (TAKAO, 2010, p. 58).

Sendo assim, observamos que o Jiu-jitsu Brasileiro se formou ao longo dos últimos anos sem que houvesse uma regulação rígida como havia no *Judô* pelo *Kodokan*.

O Jiu-jitsu Brasileiro não incorporou as máximas e princípios do Judô. Entretanto observam-se como possíveis fundamentos filosóficos as diretrizes de Hélio Gracie e os doze ensinamentos que inspiraram Carlos Gracie. Quanto às diretrizes de Hélio, Rener Gracie (2008) afirma que são três: aplicabilidade para defesa pessoal na rua, uso eficiente de energia, movimentos naturais do corpo. Quanto aos ensinamentos de Carlos, de acordo com Reyla Gracie (2008), são:

- “1- Ser tão forte que nada possa perturbar a paz da tua mente.
- 2- Falar a todos de felicidade, saúde e prosperidade.
- 3- Dar a todos os teus amigos a sensação de que têm valor.
- 4- Olhar as coisas pelo seu lado luminoso e atualizar teu otimismo em realidade.
- 5- Pensar somente no melhor, trabalhar unicamente pelo melhor e esperar sempre o melhor.
- 6- Ser tão justo e entusiasta com respeito ao êxito dos outros como o és com o teu próprio.
- 7- Esquecer os erros do passado e concentrar tuas energias nas conquistas do futuro.
- 8- Manter sempre o semelhante alegre e ter um sorriso para todos os que a ti se dirijam.

9- Empregar o maior tempo no aperfeiçoamento de ti mesmo, e nenhum tempo em criticar os outros.

10- Ser grande demais para sentir desassossego, nobre demais para sentir cólera, forte demais para sentir temor e feliz demais para sentir contrariedades.

11- Ter boa opinião sobre ti mesmo e proclamá-la perante o mundo, mas não com palavras altissonantes e sim com boas obras.

12- Ter a firme convicção de que o mundo estará ao teu lado, enquanto te mantiveres fiel ao que há de melhor em ti.”

O Jiu-Jitsu Brasileiro se forma, portanto, a partir do *Judô* Tradicional aprendido por Maeda em seu período na escola de Kano, com fortes influências dos combates que realizou antes de chegar a Belém onde ensinou Carlos Gracie. Posteriormente, a família Gracie inicia um processo de modificação da arte que foi ensinada a Carlos, entretanto respeitando os aspectos combativos e, dando prioridade ao componente estratégico que foi idealizado. Nesse sentido, a luta de chão se tornou um ponto central no desenvolvimento do Jiu-jitsu Brasileiro e, passou a ser o foco da modalidade. Tanto na prática do *Randori* como em competições as regras do Jiu-jitsu são mais permissivas com relação tanto às chaves articulares e estrangulamentos como ao tempo que se despende no chão, criando situações que não são vistas no *Judô*. Desta forma, é possível compreender as visíveis diferenças entre o *Judô* que hoje conhecemos e o Jiu-Jitsu da família Gracie. O *Judô* Olímpico se norteou pela esportivização, sofrendo intensas modificações a partir da Segunda Guerra mundial com a ocupação norte americana no Japão. Hoje, passou a priorizar as projeções devido à forma como se moldou as competições, e muito poucas são as escolas que ainda dão ênfase à Defesa Pessoal e os *Katas*. Enquanto isso, o Jiu-jitsu Brasileiro se desenvolveu a partir das técnicas de Defesa Pessoal e ao enfoque nas técnicas de chão. Por terem seguido caminhos diferentes, ainda que possuam um mesmo embrião, é que hoje as duas modalidades se distanciam tanto tecnicamente, quanto filosoficamente e estrategicamente.

2.5 OS FATORES TÉCNICOS E CARACTERÍSTICAS QUE INFLUENCIARAM NO DESENVOLVIMENTO DO JIU-JITSU BRASILEIRO

Será investigado neste sub-capítulo os fatores técnicos e características que influenciaram no desenvolvimento do Jiu-jitsu Brasileiro. Para tal, serão feitas considerações acerca das novas características incorporada por Jigoro Kano ao antigos *Jujutsu* japonês, buscando especificamente, àquela que posteriormente foram utilizadas pela família Gracie no desenvolvimento de seu estilo.

A partir da Restauração Meiji (comentada no tópico 2.2) Jigoro Kano, preocupado com os rumos do *Jujutsu*, resolve modificar os objetivos primordiais dessa arte marcial. Como foi referenciado anteriormente, Kano observou que com algumas modificações o *Jujutsu* poderia se tornar novamente atraente à população japonesa. A primeira coisa que percebeu foi que, era necessária uma modificação nas características da arte no sentido de torná-la mais focada em seus benefícios como atividade física ao invés de pura e simplesmente um conjunto de métodos de ferir um oponente em batalha. Para isso foi essencial modificar: algumas das técnicas que eram usadas, para que fossem executadas com segurança e obtivessem caráter mais científico e pedagógico. Desenvolveu técnicas de amortecimento de quedas (*Ukemi*). Além disso, outra nova tendência de seu *Judô* foi substituir a vestimenta tradicional - por entender que favorecia a ocorrência de lesões pelo material e tamanho. Kano ainda estabeleceu uma nova forma de graduação e hierarquia utilizando um sistema de faixas amarradas na cintura (CARR, 1993 ; KANO, 2009).

Analisando de maneira mais profunda a primeira questão citada, Kano observou quais técnicas poderiam projetar o adversário no chão sem os danos provenientes da característica primordial do *Jujutsu*: incapacitar o adversário. No *Judô*, onde a segurança do companheiro de treinamentos ou em competição é importante, arremessos como o *Ippon seoi nage* são realizados com o braço do adversário em uma posição chamada *Junte*, enquanto nas antigas escolas de *Jujutsu* eram realizados com o braço do adversário na posição *gyakute*. Como podemos observar na figura 3 à esquerda é representada a técnica em *junte* em que a articulação está posicionada de forma a diminuir as possibilidades de risco, enquanto à direita a articulação está em *gyakute*, logo posicionada de forma a maximizar os danos.

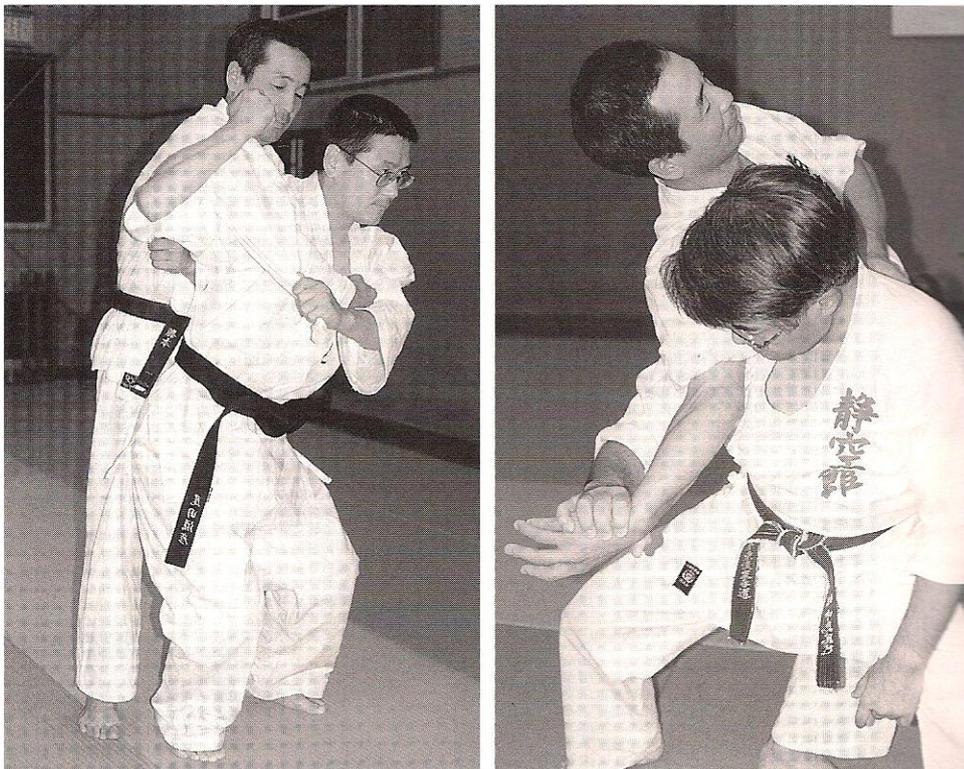


Figura 3, Técnica *Ippon Seoi Nage* Fonte: Mol (1970, p. 29)

Para que fosse possível que aquele que havia sido arremessado não sofresse lesões devido a queda, a projeção deveria dar suporte para minimizar os efeitos da queda do oponente. Modificando a forma como o oponente era arremessado, Kano promoveu também a utilização de *Ukemi*. Foi estabelecida a necessidade de iniciar a técnica com a pegada no *judôgi* do oponente não só para auxiliar nos princípios biomecânicos da técnica como também auxiliar no controle da queda daquele que está sendo projetado (DRAEGER, 1997). Da forma que os lutadores de *Jujutsu* derrubavam seus adversários, era proposital evitar o amortecimento da queda. Para que o *Judô* que estava criando se tornasse uma educação física e um esporte era necessário que fosse exercitado sem que os praticantes fossem submetidos a lesões a todo treino que fizessem. A falta de um método que possibilitasse um treinamento livre devido aos traumas físicos das técnicas relegou os estilos de *Jujutsu* do período de paz à prática do *Kata* ou aos perigos de realizar um combate de verdade (MOL, 1970). Diferentemente, no *Judô* essas alterações influenciaram no desenvolvimento do *Randori* como uma prática segura, que poderia ser feita

todos os dias sem que os praticantes ficassem feridos para o treinamento do dia seguinte (MOL, 1970; DRAEGER, 1997).

Jigoro Kano percebeu que não existia uma proposta de ensino correta pelos professores de *Jujutsu* acerca da forma como cair ao receber uma projeção, bem como ao transmitir o movimento que deveria ser realizado durante a aula. Até então os professores de *Jujutsu* utilizavam termos como *yugen* (técnicas misteriosas) e *kan* (intuição). Esses princípios se complementavam na proposta de que aluno sofreria a técnica até que algum dia conseguiria compreender como ela deveria ser executada, ou como deveria cair de forma que se machucasse menos (DRAEGER, 1997; WATSON, 2011). Podemos perceber essa questão na seguinte situação narrada por Jigoro Kano em Watson (2011):

“Naquele tempo, os métodos de ensino eram bem diferentes dos de hoje. Um método de que particularmente me lembro foi o dia em que Fukuda me atirou para baixo seguidas vezes. Na primeira vez. Eu me levantei de imediato e pedi-lhe que me explicasse como fizera o arremesso. Ele só me respondeu: Ataque novamente. Ataquei, e ele me atirou de novo. Olhei para ele e repeti a pergunta. Fukuda apenas disse: Venha!, e fui novamente arremessado. Depois gritou: Você acha que vai aprender jujutsu com simples explicações a toda hora?[...] Com esse método, Fukuda me ensinou a fazer o arremesso por minha própria experiência, da sensação de ser desequilibrado e arremessado[...].”(WATSON,2011 p. 39)

Utilizando esse pensamento, percebemos a diferença entre as práticas do *Jujutsu* e do *Judô*. No *Judô* ensino da técnica deixa de ser alienante, o aluno além de fazer, sabe o porquê de estar fazendo. As quedas e os rolamentos ensinados no *Judô* possuem um significado lógico. Ou seja, foi o método encontrado por Jigoro Kano para eliminar as contusões e traumas presentes no *Jujutsu* que visava à morte ou incapacitação do adversário. Por esse motivo, ser capaz de projetar o oponente sem que ninguém saia machucado é uma característica integrante à prática do *Judô*. A prática somente é segura quando conhecemos as formas corretas de amortecer o impacto de nosso corpo no tatame (OROZIMBO, 1999)

Outra modificação evidente na organização do sistema de Kano foi a rejeição do tradicional sistema de *Menkyo* (licença) comum nas escolas de combate do Japão em favor de um sistema de faixas que desenvolveu em torno de 1867. A prática de dividir os praticantes de *Judô* em vários níveis foi refletida pelas faixas coloridas. Inicialmente eram de apenas três cores: branco, marrom e preto. Mas no momento em que o *Judô* chegou na Europa, implantou-se o sistema de faixas: branca, amarelo, laranja, verde, roxa, marrom, preto e, vermelho e branco (CARR, 1993). Ainda segundo Carr (1993), este sistema foi rapidamente adotado por outras escolas de artes marciais.

Na idealização e desenvolvimento do Jiu-jitsu Brasileiro podemos perceber, portanto, essas modificações deixadas por Jigoro Kano. Primeiramente é visível a modificação na vestimenta promovida por Kano no Jiu-jitsu da família Gracie. Ao invés das tradicionais vestimentas do *Jujutsu* clássico, na arte Brasileira é utilizado o mesmo conjunto do Kodokan: *Wagui* (paletó), *Shitadaki* (calça) e *Obi* (faixa). A utilização de faixas coloridas estabelecendo graduações também é uma característica herdada do *Judô*. Diferentemente dos estilos de *Jujutsu* dos períodos anteriores à restauração Meiji que utilizavam o sistema de *Menkyo*, a arte da família Gracie desde seu início utilizava as faixas para distinguir o nível de seus praticantes. Inicialmente as únicas faixas utilizadas eram de cores branca, azul claro e azul escuro. Atualmente utilizam-se a cor branca, cinza, amarela, laranja, verde, azul, roxa, marrom, preta, preta e vermelha, e vermelha.

Da mesma forma, o ensino no Jiu-jitsu Brasileiro se dá de uma maneira racional em que é possível visualizar o problema, compreender sua solução e, aplica-la posteriormente para avaliar a eficiência da técnica. Havendo ainda a preocupação do professor em transmitir os detalhes daquilo que ensina, ao invés de esperar que o aluno desenvolva sua prática através de uma aprendizagem puramente intuitiva como era no *Jujutsu* tradicional.

A forma pela qual se organizam as técnicas no Jiu-jitsu Brasileiro difere do *Judô*. No trabalho de Gracie (2007) constam técnicas de defesa pessoal que se dividem em: defesas em pé de ataques pelas costas, defesas em pé de

ataques pela frente e defesa contra armas. As outras divisões técnicas se referem à guarda (que se resume em passagens de guarda, finalizações e raspagens) e as posições de montada atravessada, montada e montada pelas costas (em que são possíveis saídas e finalizações).

Finalizações se constituem em chaves articulares e estrangulamentos que objetivam a desistência do adversário. Já saída se refere à capacidade de escapar de uma finalização ou de uma posição desvantajosa assim conquistando uma posição mais confortável durante a luta (RIBEIRO, 2008).

É comum estudos de outros autores sugerirem divisões em: fundamentos e quedas (projeções). Outros também propõem classificações para a guarda como: guarda fechada, meia-guarda, guarda-aranha, guarda borboleta, guarda “x” (GURGEL, 2007; RIBEIRO, 2008; GARCIA, 2007 ; GRACIE,2006).

A maior contribuição do *Judô* ao Jiu-jitsu Gracie foi o novo método de *Randori* desenvolvido por Kano, pois deu à família Gracie ferramentas para experimentar as técnicas que Carlos Gracie aprendera com Mitsuyo Maeda, em um oponente que resiste a seus movimentos utilizando toda força quanto quiser. Assim, simulando um combate real e realizando desafios foi possível aos Gracies desenvolverem seus próprios métodos de combate, através da experimentação prática daquilo que funcionava para eles ou não. Um fator preponderante que contribuiu para esse laboratório prático do Jiu-jitsu foi a visão de Carlos Gracie em ensinar o que aprendeu a todos os seus irmãos e, assim, transformar a família em um Clã de lutadores. Dessa forma sempre haveriam parceiros de treino e indivíduos interessados em aperfeiçoar a arte.

2.6 AS NOVAS ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS NO TREINAMENTO TÉCNICO DO JIU-JITSU BRASILEIRO

Neste tópico, serão abordados as novas estratégias desenvolvidas no treinamento do Jiu-jitsu Brasileiro, o que contempla ultimo objetivo específico do estudo. Deve-se destacar que são poucos os trabalhos que se dedicam a analisar tais questões, visto que em sua maioria, os trabalhos destinados ao

Jiu-jitsu são em formato de manual, divulgando um número específico de técnicas, com pouca ênfase na idealização e desenvolvimento da arte.

Segundo Gracie (2001), o que mais distingue o sistema brasileiro dos japoneses é sua extrema informalidade. O autor afirma que, geralmente, poucas são as escolas que fazem reverências, além disso, aponta para a estrutura pouco rígida de uma aula. Também coloca que não existe uma forma precisa, ou um acordo entre o que determina quem é um faixa azul, ou um faixa roxa, e assim por diante. Na opinião do autor parte da razão para isso é a falta de formas pré-arranjadas, ou *Kata* - conjunto de movimentos sequenciais contendo os movimentos idealizados do estilo em questão, envolvendo em sua maioria uma coletânea de chutes, socos, bloqueio ou semelhantes, praticado sozinho ou com um colega.

Dentro do enfoque da arte da família Gracie houve uma mudança do enfoque promovido pelo Kodokan. Segundo Gracie (2001), a preocupação primordial não é tanto com a educação social, mas principalmente com a eficiência em combate. Os Gracies herdaram a tradição de Maeda, ao se engajarem em lutas e desafios contra outros estilos, posteriormente chamadas no Brasil de vale-tudo. Mesmo porque foi uma forma de desenvolver a eficiência de seu estilo. Hélio Gracie afirma em seu trabalho que, ainda que as pessoas pratiquem o Jiu-jitsu por muitas razões, em seu sistema as aulas são dadas com um único propósito: “preparar os alunos para se defender no caso de um confronto na rua” (GRACIE, 2007, p 12).

Outra questão importante quando falamos do desenvolvimento técnico referido aos Gracies se deve a sua estrutura corporal. Se devendo ao fato de que sua pequena estatura requereu maior eficiência no uso de alavancas para que as técnicas tivessem sucesso. Entretanto, esse não é o único fator de desenvolvimento apontado por alguns autores. O fato de que o Jiu-jitsu Brasileiro possuía um sistema de regras diferentes das lutas do Japão fez com que novas situações aparecessem e exigissem novas respostas. (GRACIE, 2001)

Um exemplo, de tais situações segundo Gracie (2001) se deve aos fatores característicos das competições de *Judô*. Nestas, se um lutador consegue realizar uma chave de braço em seu adversário quando está por baixo, e aquele que está em cima consegue se levantar erguendo aquele que está por baixo, segundo as regras, o arbitro deve interromper a luta e os dois lutadores devem voltar a ficar em pé reiniciando o combate. Entretanto, no Jiu-jitsu Brasileiro, ainda que se o adversário se levante o combate continua e, dessa forma é necessário que se desenvolvam técnicas para que aquele que está recebendo a chave consiga se defender.

Uma nova mudança significativa também incorporada pelos Gracies foi em diminuir as restrições impostas por Kano ao *Randori*. Uma das propostas do *Randori* foi permitir o treinamento livre entre dois adversários sem que houvessem lesões, o que fez com que o estilo do Kodokan tivesse um grande sucesso em lutas contra outros estilos de *Jujutsu* (que treinavam somente *Kata*). Kano, entretanto, tinham grandes preocupações quanto à segurança de seus alunos durante a prática e, com isso, ao longo do tempo limitou severamente os movimentos permitidos aos estudantes no treino. Todas as chaves de perna, ombros, punhos, e outros que acreditava ser perigosos foram removidos. Adicionando tais técnicas ao treinamento em *Randori* os Gracies fizeram sua arte ainda mais eficiente em combate (GRACIE, 2001).

O foco da família Gracie, diferentemente do *Judô Kodokan*, era a defesa pessoal (TAKAO, 2010; TEIXEIRA, 2007), entretanto, manteve-se a ideia de desenvolver uma arte marcial que pudesse permitir ao mais fraco se defender do mais forte. E, dessa forma o enfoque volta a ser semelhante ao dos estilos de *Jujutsu* do período Tokugawa. Teixeira (2007) realizou um trabalho em que investigou algumas academias de Jiu-jitsu e assim descreve o treinamento na academia Gracie:

“Nos tatames da Gracie Humaitá, além de golpes, imobilizações, estrangulamentos e torções, ensinava-se que um homem deveria sempre olhar os outros nos olhos, e que o cotovelo era o osso mais duro do corpo, o mais apropriado, portanto para machucar um oponente em caso de briga. Ensinava-se também os princípios básicos da dieta Gracie, e havia sempre uma pilha de folhetos instrutivos prontos a serem

distribuídos, caso o aluno demonstrasse algum interesse. A metodologia de ensino aplicada ainda era aquela desenvolvida por Hélio: aulas particulares de meia-hora, ministradas por seu filho Rolker, nas quais aprendia-se a dar quedas (sendo a “baiana” a mais utilizada), a sair de gravatas e puxões de gola de camisa, e, é claro, a imobilizar e finalizar um adversário no chão. No conjunto, as aulas formavam um programa completo de defesa pessoal” (TEIXEIRA, 2007 pág. 34).

Alguns autores afirmam que as modificações naquilo que Carlos aprendera com Maeda iniciaram com Hélio, irmão mais novo de Carlos. Segundo Rener Gracie, (2008) neto de Hélio Gracie, ao indagar seu avô sobre as alterações que havia feito naquilo que aprendera com seu irmão Carlos, Hélio disse não se recordar com precisão. Entretanto se lembrava de ter grande dificuldade em executar as técnicas que seu irmão fazia. Desde pequeno, Hélio possuía uma constituição mais franzina e, muitas vezes era sujeito a desmaios ao tentar praticar esportes. Foi somente observando seus irmãos darem aula que memorizou as técnicas que faziam parte das aulas da Academia Gracie (GRACIE, 2007A; GRACIE, 2007B).

Um dia, quando seu irmão se atrasou para uma aula, Hélio disse ao aluno que poderia dar a aula no lugar do irmão pois, de tanto vê-lo ensinar havia gravado as sequências. A partir de então, o aluno em questão quis continuar tomando aulas com Hélio, que assim, por puro acaso, foi promovido a professor (GRACIE, 2001; GRACIE, 2007). A partir de então, precisou adaptar as técnicas a seu porte físico:

“Depois de alguns anos assistindo aos meus irmãos darem aulas, acabei memorizando todos os movimentos. Então quando eu tinha 16 anos, um dia coloquei em prática alguns deles ao dar minha primeira aula. Só então percebi que aquilo que eu achava que sabia não funcionava pra mim.[...] À medida que mais e mais alunos me procuravam com o objetivo de aprender a se defender, fui me conscientizando de que, se eu não tivesse convicção nas técnicas, como poderia transmiti-las a alguém? E se o movimento não funcionasse? E se o atacante fizesse isso ou aquilo? Então, embarquei numa missão: encontrar respostas para tais questões” (GRACIE, 2007, p. 11).

Ainda que não exista uma forma de saber quais exatamente foram as modificações de Hélio Gracie, conforme Gracie (2008), ele desenvolveu três diretrizes ou princípios para a seleção e desenvolvimento das técnicas do Jiu-jitsu Gracie: aplicabilidade na rua, uso eficiente de energia, movimentos naturais do corpo.

A primeira diretriz, aplicabilidade em defesa pessoal na rua, se fundamenta em que todas as técnicas sirvam para defesa pessoal, ou seja, que possam ser utilizadas para se defender em uma situação de defesa na rua ou qualquer outro lugar em que o agressor pode utilizar de socos, chutes, e outros como: Defesa contra facada lateral, contra pisão, contra paulada, contra enforcado. A segunda, voltada ao uso eficiente de energia, avalia que toda técnica que dependa somente de força ou velocidade de movimento deve ser descartada, favorecendo o uso de técnicas que se baseiam em alavancas e timing como: raspagens e projeções. Por último, movimentos naturais do corpo, significa que as técnicas devem ser feitas em posições em que o indivíduo não sinta seu corpo desconfortável, dessa forma, todas as técnicas devem poder ser realizadas por qualquer tipo de pessoa independentemente de sua flexibilidade ou capacidade física (GRACIE, 2008).

O sucesso do Jiu-jitsu Brasileiro nos desafios de Vale-tudo se desenvolveu, segundo Gracie (2001), principalmente à sua ênfase em atingir e manter uma posição de domínio a todo tempo no curso da luta. Especificamente buscando anular a principal força de adversários em outras modalidades, ou seja, levando a luta para o solo o que se tornou a especialidade dessa modalidade. Para isso, foi desenvolvido um sistema estratégico bem definido, que posteriormente deu origem às regras e pontuações das competições esportivas de Jiu-jitsu. A estratégia da família Gracie estabeleceu uma hierarquia entre as posições, de forma que, algumas posições no solo são mais importantes que outras. Que seria o caso, por exemplo, das posições de montada e pegada pelas costas que dificultam ou anulam a possibilidade de agressão do adversário. Assim, dependendo da situação em que se encontra na luta é possível compreender se o indivíduo está em vantagem ou desvantagem e, fica claro na cabeça do lutador qual o

próximo passo para se aproximar da vitória. Pode-se observar essa estratégia no esquema do trabalho de Gracie (2008), na Figura 4 em anexo.

O esquema em anexo (Figura 4) divide os estágios de uma luta em quatro fases. Na primeira fase o objetivo é encurtar a distância com o adversário, a segunda fase se preocupa em executar um arremesso ou derrubada. Na terceira fase deve-se atingir uma posição de domínio e, por fim, a fase quatro tem como objetivo finalizar o adversário – executando uma chave articular ou um estrangulamento. Percebe-se no esquema a progressão entre as fases da luta, em que o objetivo final é submeter o oponente a finalização para vencer o combate.

Inicialmente a Academia Gracie de Jiu-jitsu oferecia somente aulas particulares para seus alunos. Entretanto, com o desenvolvimento de outras academias por antigos professores da Academia Gracie, as novas escolas passaram a oferecer aulas em grupo que, basicamente consistiam em um aquecimento realizado em sua maioria por exercícios calistenicos, um período em que são ensinadas as técnicas daquela aula, e por fim o momento do treino livre que, em sua maioria se iniciava de joelhos priorizando assim o treinamento das técnicas de solo (TEIXEIRA, 2007 ; GRACIE, 2001). Foi promovido, ainda, após algum tempo o treinamento sem a utilização do quimono como forma de simular de maneira mais próxima o que seria encontrado em um combate de vale-tudo, visto que não era utilizada a vestimenta japonesa nesses eventos e, ainda pelo fato de que fosse possível que um agressor em situação de defesa-pessoal não estivesse utilizando paletó e calças (GRACIE, 2007 ; GRACIE, 2001).

Teixeira (2007), ainda coloca que uma tendência observada anos mais tarde após ter saído da academia Gracie e começar a treinar em outra academia, para realizar seu estudo, foi a utilização de treinamentos denominados “taparia” e “bloqueio”. O primeiro consistia em um treino livre em que um dos indivíduos somente poderia utilizar técnicas inerentes ao Jiu-jitsu (projeção, estrangulamento, chaves articulares, imobilizações) enquanto o outro deveria dar tapas simulando uma situação mais real de luta, o treinamento de bloqueio era semelhante contendo a única diferença que ao

invés de tapas, seriam socos com uma luva de boxe. Ele observa que tal exercício surge pela ênfase nos desafios de vale-tudo, entretanto, anos mais tarde ao sair dessa escola e retornar à Academia Gracie esse tipo de situação não era visto e o autor observou que, devido à mudança do tipo de aluno das academias terem se modificado, não cabia mais tal tipo de treinamento.

Percebe-se, portanto, que o Jiu-jitsu Brasileiro pautou seu desenvolvimento nas ideias desenvolvidas pela família Gracie e, pode-se apontar Hélio Gracie como o precursor por desenvolver os conceitos pelos quais se determinariam as técnicas do Jiu-jitsu Gracie. Entretanto esse processo não foi único e findo nesse personagem, muitos outros foram aqueles que contribuíram para o desenvolvimento da arte marcial que hoje é conhecida em todo o mundo. O treinamento em *Randori* foi importante para o desenvolvimento do Jiu-jitsu Brasileiro por permitir a experimentação do combate, assim como foi feito no Kodokan. Entretanto, o foco do Jiu-jitsu idealizado em nosso país em situações de combate real em detrimento do sistema esportivo foi o que promoveu maior liberdade técnica e com relação as regras do treinamento livre. Devemos também chamar atenção ao fato de que houve um refinamento não somente técnico, mas estratégico, pois, ao desenvolver uma hierarquia técnica foi possível à família Gracie compreender ainda mais o desenvolvimento de um combate no solo. Devido ao enfoque que a arte marcial possuía, principalmente em seus primeiros estágios de desenvolvimento, no período em que possuía grande associação com o vale-tudo foram observadas formas de treinamento que objetivavam uma maior proximidade com esses eventos. Entretanto, não é possível determinar se foi algo promovido por todas as academias da modalidade ou somente algumas.

CAPÍTULO 3

CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Tendo em vista as características de um estudo bibliográfico, levando em consideração a escassez/ de referencial pertinente ao objeto deste estudo, chegam-se as seguintes considerações finais.

O termo *Jujutsu* é formada por dois ideogramas, com um significado próximo a “arte suave”. Essa denominação surgiu por volta de 1630, por um homem de nome Sekigushi Ujimune Jushin. Apesar do termo ter surgido nesse período, somente mais tarde foi adotado pelas escolas de artes marciais no Japão feudal. Além disso, os rudimentos técnicos desta arte vem de um período muito anterior, se formando ao longo de várias gerações de guerreiros japoneses. A forma de escrita *Jujutsu* hoje seria mais adequada para romanizar os caracteres japoneses utilizando o sistema Hepburn.

Jujutsu no Japão não era utilizado para descrever uma escola de artes marciais especificamente. Na verdade, o uso da palavra buscava categorizar as escolas que possuíam similaridades em suas características, especificamente quando nos referimos a seus objetivos primordiais, conceitos e armas utilizadas.

Apesar de haver aqueles que se refiram ao *Jujutsu* como uma arte marcial de origem Indiana não existe suportes para tal tipo de afirmação. Ao se afirmar que essa arte marcial se caracteriza por projeções chaves e estrangulamentos, pelo fato de que os monges não podiam matar seus inimigos, percebemos que existe uma contradição. Isso, porque, nos estilos de *Jujutsu* do período feudal essas não eram as únicas técnicas utilizadas e, diferente do que se imagina, eram utilizadas armas nos estudos do *Jujutsu*. O enfoque nas técnicas desarmadas expostas acima, se deve principalmente ao fato de que os guerreiros utilizavam armaduras pesadas, e socos e chutes possuíam menor eficiência ao atingir equipamentos de proteção.

No Brasil, o Jiu-jitsu deve sua origem a Mitsuyo Maeda, também conhecido como “Conde Koma”, o qual foi aluno do Kodokan por muitos anos

antes no Japão. O Instituto Kodokan foi idealizado por Jigoro Kano, um estudioso que resolveu, após estudar os antigos estilos de *Jujutsu*, moldá-los às exigências do Japão Moderno. Assim, o Judô trouxe como arte marcial bases diferentes de sua origem. Ao invés de se tratar de uma arte puramente combativa, busca em sua essência o desenvolvimento humano através da educação física. Maeda que, além de aluno de Judô já era também professor no Kodokan e em universidades em Tóquio, ensinou Judô à Carlos Gracie.

Naquela época existia muita confusão em todo o Ocidente sobre as diferenças entre o Judô criado por Jigoro Kano e, o *Jujutsu*. Isto também ocorria porque, no início da formação da modalidade de Kano as duas ainda muito se assemelhavam. Nos primeiros anos do *Kodokan*, seu fundador ainda ensinava a seus alunos os *Katas*, antigas formas pré-arranjadas de movimentos, de estilos que havia aprendido. Quando os primeiros professores de Judô chegaram aos Estados Unidos e, ao resto do mundo, é possível entender porque continuaram adotando a nomenclatura *Jujutsu*, *Jujitsu* ou *Jiu-jitsu* para denominar o que os japoneses que desembarcavam praticavam.

Quanto a Maeda, uma série de incompatibilidades foi encontrada em sua história, contada pelos autores utilizados neste trabalho. Entretanto, de uma maneira geral, pode-se traçar como se sucederam os fatos que o levaram ao Brasil. Após sair do Japão com o intuito de divulgar o Judô, Maeda resolveu continuar sua missão de popularizar essa arte marcial ao redor do mundo. A maneira que encontrou foi lutar em desafios contra toda e qualquer tipo de arte modalidade. Ao chegar em Belém, no Pará, por volta de 1917, ensinou o Judô chamando-o de Jiu-jitsu ao garoto Carlos Gracie. Este por sua vez passou a dedicar-se entusiasmadamente à modalidade. Além das técnicas presentes no Judô provenientes do *Jujutsu*, Maeda ainda haveria ensinado um modelo baseado em suas experiências de desafios pelo mundo. Focou o ensino também, em técnicas de defesa pessoal, que posteriormente viriam a ser a base do Jiu-jitsu Gracie.

Dentro do que foi estudado, foi possível verificar que as novas propostas de Jigoro Kano ao *Jujutsu* ainda se fazem presentes no Jiu-jitsu Brasileiro, funcionando como uma digital marcada na modalidade de forma que se possa

perceber a influência do Judô na idealização e no desenvolvimento do Jiu-jitsu da família Gracie.

A prática do treino livre, ou *Randori*, foi promovida por Jigoro Kano ao desenvolver alterações nas técnicas que permitissem a dois praticantes realizar um treino intenso, sem que houvesse lesões a todo o tempo. Diferentemente do *Jujutsu* em que a prática consistia basicamente na execução de *Katas*.

Esse treinamento livre foi o que permitiu à família Gracie refinar as técnicas de forma que acreditassem mais efetivas. Somente com uma forma de testes a arte marcial poderia ser modificada de modo eficiente. Além disso, a prática do *Randori* permitiu a formação do Judô como competição e, também ao Jiu-jitsu Brasileiro.

Outras características do Jiu-jitsu Brasileiro provenientes de modificações atribuídas ao Judô foram verificadas: a hierarquia pela cor das faixas, a mudança no modelo de ensino existente nos antigos estilos de *Jujutsu*, e a vestimenta de prática.

Ainda que, uma das diretrizes de Hélio Gracie ao selecionar as técnicas do Jiu-jitsu tenha sido o uso mais eficiente de energia, assim como na máxima *seriyoku zenryo* desenvolvida por Jigoro Kano, outros modelos utilizados na prática do Kodokan como a execução de *Katas*, os princípios judoísticos, o ensino das máximas, não foram observados na arte da família Gracie.

Desde seu princípio, o Jiu-jitsu Gracie, teve seu foco norteado de forma semelhante aos estilos de *Jujutsu* do período Tokugawa, ou seja, na defesa pessoal contra um agressor em uma situação real. Diferentemente do Judô, o Jiu-jitsu Brasileiro é promovido de uma maneira mais informal, de forma que muitas das regras de etiqueta inerentes à prática da arte japonesa não estão presentes, de modo geral, na modalidade brasileira. Visto que não existe uma padronização oficial de um modelo para o ensino do Jiu-jitsu, não é possível afirmar a inexistência de tais etiquetas. Ainda que esta falta de controle no formato do Jiu-jitsu tenha sido benéfica para sua evolução técnica ao longo do tempo, deve-se discutir a importância de um modelo que respeite os ideais dos

fundadores. Devem-se levar em conta tanto à questão pedagógica, quanto à manutenção dos objetivos primordiais da prática, observados nas seguintes três diretrizes: aplicabilidade na rua, uso eficiente de energia, movimentos naturais do corpo.

Como observado ao longo desse trabalho, o Judô não foi uma arte idealizada em pouco tempo, mas parte de um processo de desenvolvimento ao longo de vários anos. Só depois da ocupação norte-americana no Japão, por causa da guerra, é iniciado o processo de esportivização do Judô, que continuou após crescerem as competições e este começar a fazer parte das Olimpíadas. Uma das principais questões observadas foi a de que, por causa das regras implantadas e da necessidade do Judô como forma de espetáculo, a luta de solo em competições diminuiu bastante. Seguindo essa tendência, dentro das academias também foi diminuído o foco no estudo dessas posições. A diminuição da observação dos valores filosóficos e educacionais por parte dos professores da modalidade foi também detectada.

Enquanto isso, o Jiu-jitsu Brasileiro, que iniciou seu desenvolvimento anteriormente à Segunda Guerra Mundial, manteve a base de seu treinamento no componente estratégico principal dessa modalidade: encurtar a distância com o adversário, levar a luta para o solo onde é sua especialidade, e finalizar o combate. Dessa forma, foram aplicadas maiores liberdades à prática do *Randori* no que se refere aos movimentos permitidos (chaves, estrangulamentos, etc.).

Percebe-se que hoje, os formatos do combate das competições de Jiu-jitsu e os de Judô são opostos, em que no Jiu-jitsu se prioriza o combate no solo e a interrupção do árbitro é quase inexistente, enquanto no Judô o foco está nas projeções e, é função do árbitro da luta interferir de acordo com as regras reiniciando o combate em pé.

Por todo o exposto acima, verificamos que por terem trilhado caminhos opostos hoje o Jiu-jitsu Brasileiro e o Judô se tornaram diferentes. Ainda que vindos de uma mesma origem, tanto os objetivos estabelecidos, quanto o foco do combate, nortearam a formação de cada uma dessas modalidades ao longo

do tempo. Vale discutir, com relação ao Jiu-jitsu, até que ponto a esportivização tem modificado, ou não, os objetivos e os ideais dos mestres fundadores.

A maior meta deste trabalho foi estimular a discussão das origens do Jiu-jitsu Brasileiro com relação à participação do *Judô* nesse processo.

Por muitos anos, a formação da modalidade brasileira foi atribuída à monges indianos, e poucas eram as discussões voltadas a esse assunto. Apesar disto, é importante que se conheça as raízes da arte marcial para que não sejam esquecidos os valores e princípios que a formaram. O desenvolvimento por si só não pode ser categorizado como maléfico ou benéfico, entretanto, somente quando se compreende a origem da arte marcial que praticamos podemos perpetuar um Jiu-jitsu, ou mesmo um *Judô*, que siga o caminho que foi traçado por seus criadores. Se tais caminhos são corretos ou não, isto pode ser discutível. Mesmo assim, quando nos desvirtuamos deles por ignorância podemos incorrer no erro de acreditar que seguimos uma trilha enquanto, na verdade, caminhamos em uma direção oposta. Deste modo, há a chance de perpetuar algo enganoso às próximas gerações de professores.

Por fim, com base no que foi levantado neste trabalho sugerem-se, mais estudos no sentido de resgatar, promover e compreender as filosofias e os princípios do Jiu-jitsu Brasileiro. Parte disto, seria investigar de maneira aprofundada os doze mandamentos que nortearam Carlos Gracie, bem como as máximas deixadas por Hélio Gracie. Isso, com o objetivo de determinar diretrizes para o desenvolvimento moral dos praticantes através do conhecimento estabelecido pelos fundadores do Jiu-jitsu Brasileiro.

Destaca-se a importância da possibilidade de haver no Jiu-jitsu Brasileiro, assim como há no *Judô*, uma instituição máxima. Nesta, que se inspirem outras escolas, e que seja utilizada como base, de forma que o desenvolvimento e crescimento da arte se dê respeitando as ideias e vontades dos antigos mestres. Assim, para que se estabeleça um modelo do ideal, como ocorre no caso do *Judô* em que o Kodokan é a instituição máxima, é uma referência representante do ideal do Jiu-jitsu Brasileiro.

Recomenda-se então, a composição de trabalhos que busquem compreender os efeitos da esportivização no Jiu-jitsu Brasileiro, avaliando não só se houve alterações, mas identificá-las, como também as tendências futuras nesse sentido.

Por fim, fica a esperança de que este trabalho contribua para fomentar novas pesquisas e estudos relativos à idealização e desenvolvimento do Jiu-jitsu e a seus princípios formadores. Tendo em vista que é escassa a literatura voltada a esses temas em nosso país, é importante que sejam resgatados os valores dos antigos mestres, e que se respeite o legado que deixaram.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREATO, Leonardo Vidal et al. A história do brazilian jiu-jitsu. **Efdeportes.com**: Revista Digital, Buenos Aires, n. , p.1-4, 2010.

AWI, Fellipe. **Filho teu não foge à luta**: Como os lutadores brasileiros transformaram o mma em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrinseca Ltda, 2012. 319 p.

BISHOP, Joseph Buklin (Ed.). **Theodore Roosevelt's letters to his children**. New York: Charles Scribner's Sons, 1919. 240 p.

BORGES, Odair Antonio. Ju Jutsu, Ju Jitsu ou Jiu-Jitsu?: Origens e evolução. **Efdeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, n. , p.1-1, maio 2011.

CAIRUS, José. Modernization, nationalism and the elite: The Genesis of the Brazilian jiu-jitsu, 1905 - 1920. **Tempo e Argumento**: Revista do programa de pós-graduação em história, Florianópolis, v. 3, n. 2, p.100-121, 2011.

CALLEJA, Carlos Catalano. **Caderno Técnico-Didático**: Judô. Brasília, Df: Mec Secretaria de Educação Física e Desportos, 1989. 99 p.

CARR, Kevin Gray. Making Way: War, Philosophy and Sport in Japanese Judo. **Journal Of Sport History**, Long Beach, v. 20, n. , p.167-188, 1993.

CORDEIRO JÚNIOR, Orozimbo; FERREIRA, Marcelo Guina; RODRIGUES, Aneleyce T.. A evolução sócio-histórica do Judô: Primeiras aproximações. **Revista da Educação Física**, Maringá, n. , p.13-21, 1999.

CARTAXO, Carlos Alberto. **Jogos de Combate**: Atividades recreativas e Psicomotoras. Teoria e prática.. Petrópolis, Rj: Vozes, 2011. 279 p.

DRAEGER, Donn F.; SMITH, Robert W.. **Comprehensive Asian fighting arts**. Tokyo: Kodanhsa International, 1969. 207 p.

DRAEGER, Donn F.. **Modern Bujutsu & Budo**: The Martial Arts and Ways of Japan. New York: Weatherhill, 1974. 190 p.

VIRGILIO, Stanlei. **Conde Koma**: O invencível yondan da história. Campinas: Editora Átomo, 2002. 104 p.

GREEN, Thomas A.. **Martial Arts of the World: An Encyclopedia**. Santa Barbara: Abc-clio, 2001. 894 p.

KANO, Jigoro. **Energia Mental e Física: Escritos do Fundador do Judo**. São Paulo: Pensamento, 2008. 128 p.

GARCIA, M.; CORDOZA, G.; KRAUSS, E. **The X Guard**. Hong Kong: Victory Belt Publishing, 2007.

GRACIE, Rener. **Gracie Combatives: Blue Belt qualification handbook**. Torrance, Ca: Gracie Publications, 2008. 65 p.

GRACIE, Helio; GRACIE, Royler. **Gracie Submission: Essential**. Montpelier, Vt: Invisible Cities Press, 2007. 278 p.

GRACIE, Renzo et al. **Brazilian Jiu-Jitsu: Theory and technique**. Montpelier, Vt: Invisible Cities Press & Editora Gracie, 2001. 255 p.

GRACIE, Helio. **Gracie Jiu-Jitsu**. 2ª São Paulo: Saraiva, 2007. 273 p.

GRACIE, Reyla. **Carlos Gracie: O criador de uma dinastia**. 2ª Rio de Janeiro: Record, 2008. 572 p.

GRACIE, Rodrigo KID P. **The path to the Black Belt**. Montpelie, VT: Invisible Cities Press, 2006.

GREEN, Thomas A.; SVINTH, Joseph R.. **Martial Arts in the modern world**. Westport: Praeger Publishers, 2003. 336 p.

GURGEL, Fabio. **Brazilian Jiu-Jitsu: Manual Pessoal de Jiu-Jítsu do iniciante ao avançado**. Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil Ltda., 2007. 335 p.

HISTÓRIA do Jiu-jitsu Disponível em: <<http://www.cbjj.com.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

JAPANESE wrestler throws a princeton football player **The San Francisco Call**, San Francisco, p. 4-4. fev. 1905.

JIU-JITSU Proves dismal failure: Japanese expert's contract is not renewed at Annapolis. **The Sun**, San Francisco, p. 5-5. 03 abr. 1906.

Jiu Jitsu and Judo **The Ereckenridge News**, Breckenridge, p. 4-4. 05 fev. 1905.

KANO, Jigoro. **Judô kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008. 271 p.

LANGTON, Jerry. **Fighter**: The unauthorized biography of Georges St-Pierre, UFC Champion. Ontario: John Wiley & Sons Canada, Ltd, 2011.

MARTIN, Ashley P.. **The complete martial arts training manual: an integrated approach**. Singapura: Tuttle, 2010. 156 p.

MOL, Serge. **Classical fighting Arts of japan**: A complete guide to koryu Jujutsu. Tokyo: Kodansha International, 1970. 242 p.

NUNES, Alexandre Velly. **A influência da imigração japonesa no Judô brasileiro**: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em jogos olímpicos e campeonatos mundiais. 2012. 197 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RATTI, Oscar; WESTBROOK, Adele. **Secrets of the samurai**: A survey of the martial arts of Feudal Japan. Edison, Nj: Castle Books, 1999. 483 p.

RIBEIRO, Saulo. **Jiu-Jitsu University**. California: Victory Belt, 2008. 368 p.

SANTOS, Saray Giovana Dos. **Judô**: Filosofia aplicada. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2009. 108 p.

STEVENS, John. **Três mestres do budo**. São Paulo: Cultrix, 2007. 143 p.

TAKAO, Fabio Quio. A origem do Jiu-Jitsu no Brasil. **Tatame**, Rio de Janeiro, n. 177, p.50-62, nov. 2010. Mensal.

TEIXEIRA, Antonio Claudio Engelke Menezes. **Esporte e violência no jiu-jitsu**: o caso dos "pitboys". 2007. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,, Rio de Janeiro, 2007.

THE gentle art of Jiu-do: Japanese show something new in the Jiu-jitsu line at Columbia. **The Sun**, Londres, p. 9-9. mar. 1905.

VIDAL, R. T. **Jiu-jitsu Brasileiro: A reconstrução e transformação da arte suave no Brasil.** [S.l.]: Universidade Federal de santa catarina, 2008.

VILLAMÓN, M.; BROWN, D.; ESPARTERO, J.; GUTIÉRREZ, C. Reflexive modernization and the disembedding of Judo from 1946 to the 2000 Sidney Olympics. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 39, p. 139-156, 2004.

WATSON, Brian N.. **Memórias de Jigoro Kano: O início da história do Judô.** São Paulo: Cultrix, 2011. 247 p.

5. ANEXOS

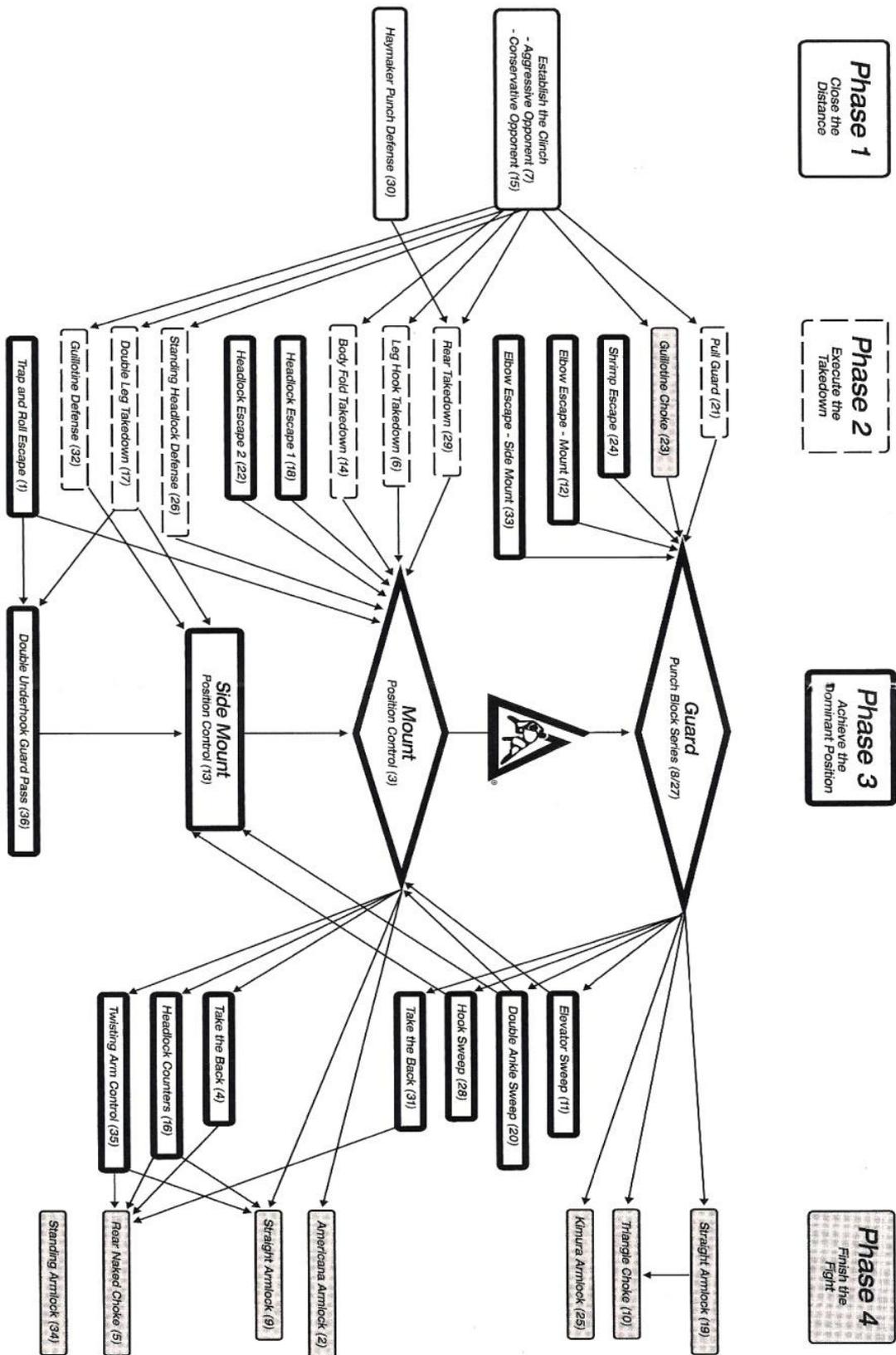


Figura 4: Esquema estratégico do Jiu-jitsu Brasileiro Fonte: GRACIE, 2008, p. 31-32